



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

LUCAS FERREIRA DA SILVA

ALEXANDRE E OLÍMPIA: a construção de identidades na biografia de Plutarco

RIO DE JANEIRO

2021



LUCAS FERREIRA DA SILVA

ALEXANDRE E OLÍMPIA: a construção de identidades na biografia de Plutarco

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Instituto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Área de concentração: História Antiga.

Orientadora: Juliana Bastos Marques

Rio de Janeiro

2021

F383 Ferreira da Silva, Lucas
ALEXANDRE E OLÍMPIA: a construção de identidades
na biografia de Plutarco / Lucas Ferreira da Silva.
-- Rio de Janeiro, 2021.
82 f.

Orientadora: Juliana Bastos Marques.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Graduação em História, 2021.

1. Alexandre, O Grande. 2. Olímpia de Épiro. 3.
Plutarco. 4. Império Romano. I. Bastos Marques,
Juliana, orient. II. Título.

LUCAS FERREIRA DA SILVA

ALEXANDRE E OLÍMPIA: a construção de identidades na biografia de Plutarco

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Instituto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Área de concentração: História Antiga.

Aprovado em: ___/___/___

Banca examinadora:

Juliana Bastos Marques (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Semíramis Corsi Silva
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Fábio Augusto Morales Soares
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

À minha mãe,
rainha e lua sempre cheia de
amor e carinho,
Ana Patrícia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Ana, por tudo que sempre fez por mim, e por me apoiar no audacioso projeto que é cursar História. Serei eternamente grato a você por ter me colocado no mundo e por ter me dado as armas para sobreviver nele. Sobretudo, agradeço por ter me mantido vivo quando meu próprio corpo já havia desistido. Este trabalho não existiria sem você.

À minha orientadora, Juliana. Serei eternamente grato pela amizade e companheirismo que cultivamos nos últimos cinco anos. Definitivamente, te conhecer mudou minha vida, para melhor. Obrigado por ampliar minha perspectiva do mundo, por sempre acreditar em mim e não me deixar acreditar que não tinha o que era necessário para chegar até aqui. Não podia pedir orientadora melhor. Graças a você descobri minha paixão, que venho nutrindo com somente o seu apoio. Acima de tudo, você me ensinou que não tenho limites.

À minha família, LittlePool, que eu tive o privilégio de poder escolher. Obrigado por me ajudarem a seguras as pontas, sempre. Por torcerem por mim, acreditarem em mim, na minha inteligência e no meu potencial. Não seria quem sou sem vocês. Não teria chegado até aqui sem vocês. Não teria feito este trabalho sem vocês. Em especial, agradeço Laura, Gabrielle e às minhas Panteras, Caio e Raphael, por me segurarem no colo e não me deixarem desistir. Obrigado, irmãos de alma.

A todos os amigos que fiz nessa jornada, nestes últimos cinco anos, dentro dessa instituição. Vocês são a coisa mais valiosa que vou levar comigo dessa jornada. Em especial, Isabela e Letícia, meus tesouros mais preciosos. Não sei onde estaria sem vocês, que nunca me abandonaram, nem nos momentos mais difíceis, e me apoiaram em todos os projetos. Às minhas afilhadas, Lara, Keyla, Ian, Gabriella e Poliana: obrigado por serem a família que me motivou a acordar cedo na segunda metade dessa graduação. Nossos momentos no intercampi serão eternos.

Aos presentes que, inesperadamente, ganhei do Instituto de História da UFRJ, Felipe, Natascha e Jullia, meu muitíssimo obrigado pelo companheirismo, por terem me acompanhado no processo que foi a escrita deste trabalho e por terem sido, tantas

vezes, meu refúgio quando o CCH se tornava demais para suportar. Faltam palavras pra expressar o quanto sou grato.

A todos os amigos que acreditaram em mim, reforçaram que era capaz e não me deixaram desistir. A todos os amigos que não desistiram de mim, mesmo quando eu sumia por meses, porque sou viciado em trabalhar. Anderson, Aline, Carol, vocês são insubstituíveis.

Às razões do meu sorriso, Gean e Daniel, meu sol e lua, agradeço imensamente por todo apoio, pelo amor, pela confiança em mim e por me motivarem sempre. Nesse processo, foram vocês que me ajudaram a manter a sanidade. Todo meu amor é de vocês.

Por fim, ao corpo docente da Escola de História, aos professores do Pré-vestibular Social da Fundação CECIERJ e aos professores do Colégio Estadual Dom Pedro I, obrigado pelo empenho em ensinar. Sem todos esses exemplos de amor ao magistério, eu mesmo não teria tanta vontade de lecionar.

I feel like I'm too busy writing history to read it.

– Kanye West.

RESUMO: Este estudo se dedica a uma avaliação crítica da biografia de Alexandre III da Macedônia, escrita por Plutarco de Queroneia, no século I d.C. A análise compreende a biografia como fonte para a sociedade romana do primeiro século, momento histórico em que Plutarco viveu e escreveu suas obras. As questões levantadas concentram-se em como se davam as relações entre gregos e romanos, num mundo onde os últimos reinavam sobre os primeiros. Analisamos, também, como se dá a construção da personagem principal da biografia. Ao questionar a maneira como Plutarco descreve Alexandre, encontramos problemáticas relacionadas à identidade grega e bárbara, que influenciam a maneira como Plutarco constrói sua biografia. Alexandre, por boa parte da biografia, se assemelha a um heleno, no entanto, em certo ponto, desvia-se da moral helênica e se aproxima de costumes orientais. Nos dedicamos, por fim, a uma análise da personagem de Olímpia de Épiro, mãe do rei. Plutarco dá a ela grande importância na primeira parte da biografia, e a forma como retrata seu caráter e seus hábitos acaba sendo uma das justificativas para a aproximação de Alexandre de uma identidade bárbara e conseqüente seu afastamento dos valores helênicos.

Palavras-chave: Alexandre, o Grande; Olímpia de Épiro; Plutarco; Império Romano

ABSTRACT: This study presents a critical analysis of the biography of Alexander III of Macedon, written by Plutarch of Chaeronea, in the first century A.D. Our analysis considers the biography as a source to the Roman society of the first century, when Plutarch lived and wrote his works. The questions concentrate on how the relations between Greeks and Romans worked, in a world where these last would reign over the first. We also analyze how Plutarch builds the main character of his biography, by questioning the way that the biographer describes Alexander. Through this, we find controversies about the Greek and barbarian identity, which influences the way that Plutarch writes his biography. According to Plutarch, Alexander, for a good part of his life, appears to be a Greek, however, later, as he approached oriental costumes, he loses contact with the hellenic morals. In the end, we attempt an analysis of Olympias of Epirus, the mother of the king. Plutarch gives her great importance on the first part of the biography, and the way he portrays her behaviour ends up justifying Alexander's approach to barbarian customs and his distancing from hellenic moral values.

Keywords: Alexander, the Great; Olympias of Epirus; Plutarch; Roman Empire.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Plut., *Alex.* Plutarco, Vida de Alexandre.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1. Plutarco e a alta sociedade romana do século I d.C.	3
1.1. Plutarco e suas relações com o Império	4
1.2. A escrita e o público de Plutarco	9
1.3. O império de Alexandre como fonte para o Império Romano	15
Capítulo 2. O declínio moral de Alexandre	22
2.1. Macedônios e o helenismo: performance e identidade	24
2.2. A “helenidade” do Alexandre de Plutarco	31
2.3. O casamento entre Alexandre e os bárbaros	40
Capítulo 3. Olímpia e as justificativas para a barbarização de Alexandre	53
3.1. Olímpia e a historiografia: breve introdução	54
3.2. A Olímpia de Plutarco: a construção grega de uma rainha macedônica	57
Conclusão	66
Bibliografia.....	68

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe a uma análise da biografia de Alexandre III da Macedônia composta por Plutarco de Queroneia, no século I d.C. Acreditamos que a biografia sirva como fonte valiosa para a sociedade romana do primeiro século, e procuramos, nela, formas de entender a relação entre gregos e romanos no período. Através da narrativa de Plutarco, e, sabendo dos objetivos pedagógicos que sublinhava em suas obras, podemos conhecer mais sobre a posição dos gregos em relação ao Império Romano – especialmente quando consideramos que Plutarco tinha por objetivo que suas obras chegassem aos governantes.

Ao mesmo tempo, a partir da análise da construção de Alexandre, podemos analisar a complexa relação entre gregos e macedônios: estes últimos, apesar de cumprirem com os critérios necessários para serem considerados helenos, não o são, nem por Plutarco e nem por outros gregos. Discutiremos a problemática da percepção dos macedônios e como esta pode ter influenciado a construção que Plutarco, um grego, fez do rei macedônio.

Por fim, buscamos abordar a construção da personagem de Olímpia de Épiro, mãe de Alexandre, dentro da biografia. Por ser uma mulher politicamente ativa, a análise de sua carreira sob a ótica de um grego é certamente carregada de preconceitos, uma vez que os gregos defendiam que a esfera política pertencia aos homens.

Para nossa análise, utilizamos três edições da *Vida de Alexandre*: em língua lusófona, para nossas citações no decorrer do trabalho, recorreremos à recente edição da Universidade de Coimbra, traduzida e comentada por Maria de Fátima Silva e José Luís Brandão¹. Para consultas ao texto original em grego, nos valem da edição da Loeb Classical Library, com tradução para o inglês e notas de Bernadotte Perrin². Para

¹ PLUTARCO; SILVA, Maria de Fátima; BRANDÃO, José Luís. **Vidas Paralelas: Alexandre e César**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

² PLUTARCH. **Lives, Volume VII: Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar**. Harvard University Press, 1919.

fins de comparação entre as traduções, utilizamos a edição em inglês da Penguin Classics, traduzida e comentada por Timothy Duff e Ian Scott-Kilvert³.

As edições de Coimbra e Loeb estão em concordância em relação à maioria dos termos escolhidos, sendo a tradução de Duff e Scott-Kilvert a que mais diverge na escolha de palavras, por vezes alterando levemente o sentido de algumas sentenças em favor de uma leitura facilitada para um público menos especializado. Quanto às notas e comentários, a edição portuguesa traz um apanhado mais completo de informações complementares ao texto, mesmo por ser a mais recente dentre as três. Além disso, traduz para o português boa parte das notas e comentários de nossas edições anglófonas.

³ DUFF, Timothy E.; SCOTT-KILVERT, Ian; PLUTARCH. **Plutarch: the age of Alexander**. London: Penguin, 2012.

Capítulo I:

Plutarco e a alta sociedade romana do século I d.C.

Neste capítulo, procuramos explicar como Plutarco, membro da elite da cidade de Queroneia, acabou por construir relações próximas com diversos nomes do alto escalão do Império Romano, e quais as influências que estas relações podem ter tido em sua produção.

Com isso, acreditamos ser possível inferir os valores atribuídos às personagens da biografia de Alexandre que refletem o meio social frequentado pelo biógrafo, bem como seus anseios em relação aos governantes.

Por fim, apresentamos o debate a respeito do valor das biografias de Plutarco como fonte para a historiografia.

Plutarco e o Império Romano

O polímata Plutarco nasceu em Queroneia, cidade do Império Romano, em 46 d.C.⁴ e viveu até 125 d.C.⁵. Em sua longa vida, produziu duzentas e vinte e sete obras, das quais noventa e sete resistiram à passagem dos séculos. Plutarco se tornou um dos autores mais conhecidos do Império Romano, e suas obras viriam influenciar autores como Shakespeare e Maquiavel⁶. O autor se tornou referência na maneira como o Ocidente entendia seu passado clássico⁷.

As obras de Plutarco às quais temos acesso são seu conjunto de biografias comparadas, as *Vidas Paralelas*, e o compilado de tratados filosóficos, *Obras Morais e de Costumes*. As *Vidas* tratam da comparação heurística de grandes generais e governantes gregos e romanos, explorando as grandes virtudes (ἀρετή) masculinas no mundo antigo⁸. As *Obras* versam, principalmente, sobre política, moral e aspectos da natureza humana⁹.

As *Vidas*, além de servirem como registro histórico do período que retratam, refletem também a realidade de seu autor. Plutarco dividiu suas biografias entre os

⁴ Todas as datas neste estudo estão colocadas antes da era comum, exceto quando especificado.

⁵ SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco Historiador**: análise das biografias espartanas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 26-28.

⁶ BECK, Mark. Introduction. In: _____. (Org.). **A Companion to Plutarch**. John Wiley & Sons, 2013, p. 2

⁷ *Ibidem*.

⁸ BECK, M. 2013, p. 2.

⁹ SILVA, M. A. O., 2006, p. 27.

mundos grego e romano, e, de forma similar, sua própria vida foi atravessada por essa dicotomia.

Aqui, explicamos como o autor se tornou um dos mais conhecidos de seu tempo: cultivou laços com nomes do alto escalão do Império, e foi beneficiado pelo forte apreço dos romanos pela cultura helênica. Ainda assim, como veremos, sua relação com os imperadores de Roma nem sempre foi harmônica.

Plutarco era grego, nascido na região da Beócia¹⁰. Sua cidade natal, Queroneia, foi palco para a batalha de 338, em que os macedônios Filipe II e Alexandre III derrotaram os atenienses e tebanos. Na época de Plutarco, a cidade era uma província sob o domínio do Império Romano, e, assim como outras cidades gregas na mesma situação, vivia do interesse romano no passado glorioso dos helenos, mais do que de suas realizações no presente¹¹.

Tradicionalmente, na historiografia, as cidades gregas aparecem como províncias coadjuvantes na história dos romanos¹². A partir das crises de identidade que emergem no mundo após a Segunda Guerra Mundial, como reflexo dos processos de descolonização, o olhar dos historiadores sobre essas províncias sofre mudanças, e a interpretação a respeito do domínio romano sobre outros povos assume outro tom¹³.

A historiografia se dedica, a partir de então, a compreender como o Império Romano se manteve, por período tão longo, no controle político de territórios com tão vasta diversidade cultural. Para Norberto Luiz Guarinello, não devemos esquecer que toda a “integração” empreendida pelo Império não passou sem conflitos, resistências,

¹⁰ Beck (2013, p. 3) acredita que a relevância histórica da terra natal de Plutarco, bem como de seus arredores, está refletida em suas obras, principalmente nas descrições topográficas que o biógrafo conseguia realizar, por conhecer pessoalmente as regiões das quais falava.

¹¹ ANDERSON, Graham. **The Second Sophistic**: a cultural phenomenon in the Roman Empire. London: Routledge, 2005, p. 6-7.

¹² GUARINELLO, Norberto Luiz. Plutarco e a Identidade Grega no Império. In: SILVA, M. A. O., 2006, p. 17.

¹³ *Ibid.*, p. 17.

contestações e manipulações. Esta integração foi fundada por um ato de poder, e foi mantida com o exercício do mesmo¹⁴.

No século I d.C., período em que Plutarco viveu, as províncias romanas competiriam pela atenção do imperador, procurando sediar festivais e construir monumentos para que pudessem ser recompensadas com favores dos romanos¹⁵. Sobre esta rivalidade entre as províncias, Barbara Burrell explica que, neste período, surgem cidades que se intitulam *neokoro*¹⁶, que erigiam templos para o imperador de Roma e o veneravam como um deus vivo, esperando que o reconhecimento advindo de tais homenagens às beneficiasse de algum modo.

Dado isso, era natural que as províncias fossem mais favorecidas nos governos de imperadores que tivessem interesse particular por assuntos helênicos¹⁷, interesse que era fomentado pelo que Graham Anderson chama de “helenomania”, uma supervalorização da cultura grega e do passado do império de Alexandre. Além disso, conforme nota Guarinello, a “helenidade” era um fator de distinção social entre os romanos, sendo um signo da elite ter conhecimento sobre a cultura grega¹⁸.

Quanto à organização interna, as províncias eram cidades gregas em estrutura e cultura, uma vez que se organizavam como *poleis*, mas não necessariamente eram gregas em genealogia¹⁹. Possuíam certa autonomia em suas decisões, mas eram geridas e controladas por governadores provinciais e oficiais do Império Romano. Suas decisões, no que respeitava a política interna e externa, estariam, por vezes, nas mãos do imperador²⁰.

Os oficiais imperiais eram também responsáveis por assegurar o pagamento dos impostos, e, nesta tarefa, contavam com o apoio das elites locais. Estas, por sua vez, competiam entre si por cargos oficiais, além de procurar se manter proeminentes entre

¹⁴ GUARINELLO, N. L., 2006, p. 17.

¹⁵ ANDERSON, G., 2005, p. 5-6.

¹⁶ O termo, originalmente usado para denotar uma pessoa, significa “aquele que presta honras ou sacrifícios”. Ver: BURRELL, Barbara. **Neokoroi: Greek cities and Roman emperors**. Brill, 2004.

¹⁷ ANDERSON, G., 2005, p. 5.

¹⁸ GUARINELLO, N. L., 2006., p. 19.

¹⁹ BURRELL, B., 2004, p. 1

²⁰ *Ibid.*, 2004, p. 1

o restante dos cidadãos. Buscavam manter seu status e poder, e, por vezes, almejavam cargos de autoridade romana²¹.

Foi em meio a todos estes conflitos de interesses entre províncias e elites que Plutarco viveu, ele próprio sendo membro da elite de Queroneia²². A tradição oral de sua cidade natal parecia guardar ainda um certo rancor pelos imperadores de Roma²³, mas isso não impediu o biógrafo de estreitar laços com romanos.

Sua relação com a elite romana se torna mais próxima durante seu período de estudos. Plutarco foi educado em Atenas, pelo egípcio Amônio de Lâmptra, tendo concluído os estudos aos seus vinte anos²⁴. Enquanto esteve em Atenas, é provável que seu tutor o tenha apresentado a Lucio Mestrio Floro, um senador romano²⁵. Floro aproxima-se de Plutarco, e o incentiva a conhecer mais sobre a história de Roma, além de, posteriormente, ter concedido a cidadania romana ao biógrafo, que passou a se chamar Lucio Mestrio Plutarco²⁶.

Foi também Floro que, provavelmente, apresentou Plutarco a outros membros da elite de Roma²⁷. Apesar de não dominar completamente o latim²⁸, a língua oficial do império, o biógrafo encontrou nos romanos um público acolhedor para seus discursos e palestras. Por sua origem grega e grande conhecimento sobre as instituições e

²¹ BURRELL, B., 2004, p. 1-2.

²² GRANT, Michael. **Greek and Roman historians: information and misinformation**. London: Routledge, 2004, p. 17.

²³ BECK, M., 2013, p. 2. "*Plutarch heard, for example, from his great-grandfather Nicarchus that Mark Anthony virtually enslaved the freeborn Greeks of Chaeronea by forcing them with whips to carry grain to the harbor, after having taken their money, slaves, and yoke-animals.*"

²⁴ SILVA, M. A. O., 2006, p. 26.

²⁵ STADTER, Philip A. A Greek in a Roman World. In: BECK, M. (Org.). 2013, p. 14.

²⁶ Silva acredita que Plutarco assumiu o nome em homenagem ao amigo, no entanto, concordamos com Stadter, que sustenta que o biógrafo não utilizava o nome, tendo-o adquirido apenas por formalidade.

²⁷ STADTER, P. A. 2013., p. 14.

²⁸ *Ibid.*, p. 15.

história romanas, Plutarco recebia bastante atenção da elite imperial, influenciada por seu interesse na cultura helênica.

Entre o círculo de amizades romanas do queronense, dois nomes, além de Floro, são dignos de nota, devido sua influência na trajetória do autor: Sósio Senecião e Quinto Rústico.

Senecião foi aquele para quem Plutarco dedicou as *Vidas*. Era um romano, próximo do imperador Trajano, e provavelmente influenciou o biógrafo a compor a obra *Ditos de reis e generais* para o mesmo. De acordo com Philip Stadter, Senecião era o leitor ideal de Plutarco: um homem que exercia um cargo público e que procurava desenvolver sua moral e virtudes²⁹.

Quinto Rústico, outro romano, era íntimo de Plutarco, que o ensinava sobre filosofia. Teve sua morte ordenada pelo imperador Domiciano e, após o incidente, Domiciano também decretou a expulsão dos filósofos da cidade. Tais acontecimentos podem ter colaborado para que Plutarco não retornasse à capital por algum tempo, fosse por não querer, ou por não poder, além de levá-lo a desenvolver maior preocupação com sua contribuição para a educação de um bom governante³⁰.

No que diz respeito aos seus objetivos, Plutarco escrevia para homens que aspiravam carreiras políticas, e tinha a intenção de educar o imperador³¹. No entanto, pode ter sido alertado por Senecião de que suas obras seriam muito longas para

²⁹ STADTER, P. A., 2013, p. 16.

³⁰ *Ibid.*, p. 15.

³¹ *Ibid.*, p. 17-9. “[...] several of his friends, especially Sosius Senecio, were quite close to Trajan. In addition, Plutarch appears to have written for Trajan a collection of historical anecdotes, the *Sayings of Kings and Commanders*. The dedicatory letter, now thought to be genuine, recognizes that the author’s lives may require more leisure than is available, and offers to the emperor ‘the first fruits of philosophy’, ‘samples and seeds of the lives’ of many famous men, material for the understanding of ‘the character and choices of leaders’ (Ap. Reg. 172C–E). Perhaps Sosius had intimated that the emperor had little time to read history, but might enjoy some inspiration in the form of edifying anecdotes. The collection, in fact, contains only positive sayings, and concludes with Augustus, one of Trajan’s models. Plutarch’s letter explains how he expected his biographies would be read. ‘These expressions and utterances, like mirrors, give the opportunity to observe the mind of each statesman.’”

serem apreciadas pelo governante, e, portanto, teria composto *Ditos* como uma versão mais breve daquilo que julgava importante transmitir³².

Plutarco foi também um cidadão politicamente ativo. Em Queroneia, assumiu cargos municipais, além de ter servido embaixadas e ter supervisionado projetos de construções locais³³. Sua atividade pública também se verifica na sua primeira viagem à capital do império, que provavelmente tinha como objetivo oficial representar os cidadãos da Beócia ou de Delfos³⁴.

Mais tarde, o biógrafo foi ainda nomeado procurador da província de Acaia, além de ter servido como sacerdote no templo de Delfos. Por volta de 125 d.C., a vida de Plutarco chega a seu fim. Na ocasião de seu falecimento, um busto foi erigido em sua homenagem em sua cidade-natal³⁵.

A escrita e o público de Plutarco

A obra de Plutarco tem um caráter notadamente moralizante e pedagógico, refletindo sua intenção de educar o governante. Tal característica e objetivo, e a forma como estes vem sido estudados na historiografia, serão debatidos a seguir.

Christopher Pelling aponta como o biógrafo emprega sua retórica persuasiva para explorar e pontuar “verdades éticas”³⁶. O autor entende que, ao estudarmos a obra do queronense, é fácil nos convenceremos de que um moralista como Plutarco estaria tentando dizer aos seus leitores como deveriam viver suas vidas, e admite que Plutarco por vezes o faz, e de modo imperativo. Defende, contudo, que o senso de moral apresentado pelo queronense já faz parte do conhecimento geral de seu

³² STADTER, P. A., 2013, p. 19.

³³ BECK, M., 2013, p. 6. “*He was politically active in Chaeronea, he served on embassies to proconsuls, accepted municipal posts, and oversaw local building projects.*”

³⁴ STADTER, P. A., 2013, p. 15

³⁵ *Ibid.*

³⁶ PELLING, Christopher B. R. **Plutarch and history**: eighteen studies. London: Duckworth, 2002, p. 398.

público, e que não seria necessário, por exemplo, lembrar seus leitores da falta de educação e arrogância de personagens como Cleópatra³⁷.

O autor acredita que Plutarco usa dessa moral já conhecida para seu próprio propósito, a sua “auto-caracterização”. Este é um processo que Philip A. Stadter entende como um uso de pequenas anedotas, que refletem a moral do autor e de suas personagens, para gerar um efeito de empatia e “harmonia moral”³⁸ com seu público³⁹.

Homens de elite, que buscavam dedicar seu tempo a elevar seus valores morais, os leitores de Plutarco seriam, também, politicamente ativos, e esperavam aprender, com as vidas de grandes estadistas, a imitar suas virtudes e evitar seus erros em seus assuntos do dia-a-dia. Composto de agentes do governo, o público do queronense era também intelectual, homens estudados o suficiente para que compreendessem as referências utilizadas pelo biógrafo em suas obras⁴⁰.

Segundo Stadter, enquanto tal descrição poderia facilmente caber a Sócio Senecião, a quem as *Vidas* são dedicadas (ou, pelo menos, a como o mesmo gostaria de ser visto), também pode refletir a autoimagem de Plutarco. O autor acredita que o queronense buscava um público como ele próprio: ávido pelo aperfeiçoamento de sua moral⁴¹.

Stadter entende o público-alvo de Plutarco a partir da análise dos proêmios (προοίμια) de suas biografias, e realiza uma análise de tais textos preliminares e da retórica presente nos mesmos.

Os prelúdios seguem um estilo e forma, no geral, similares, que o autor define como sendo de “proêmios formais”. Outros, que destoam da forma predominante utilizada por Plutarco, o autor define como “informais”, e aponta que, no geral,

³⁷ PELLING, C. B. R., 2002, p. 400

³⁸ *Ibid.*, p. 401

³⁹ STADTER, P. A., The Proems of Plutarch's" Lives". **Illinois Classical Studies**, v. 13, n. 2, p. 275-295, 1988, p. 292

⁴⁰ *Ibid.*, p. 293

⁴¹ *Ibid.*, p. 293

procuram introduzir as obras ao falar sobre família, educação ou aparência física dos biografados⁴².

Os proêmios formais, entre os quais Stadter inclui o da *Vida de Alexandre*, procuram apresentar, nominalmente, o par de biografados, bem como justificar a escolha do queronense para compor tais biografias e suas respectivas comparações. Além disso, exploram também uma variedade de tópicos, como os propósitos e os métodos de Plutarco ao compor suas biografias⁴³.

Conforme Stadter explica, os proêmios biográficos eram comuns, e a forma utilizada por Plutarco apresentava semelhanças com a de outros biógrafos, comparando-o a Xenofonte e Cornélio Nepos⁴⁴. O autor entende que, no desenvolvimento de seus prelúdios, Plutarco emprega técnicas retóricas para conseguir a atenção e a simpatia de seu público. Destas técnicas retóricas, a preferida de Plutarco seria a *chreia*, a anedota, que era usada, por vezes, como argumento de autoridade⁴⁵.

Nesse sentido, Stadter conclui que o aspecto mais marcante de todos os proêmios, formais e informais, é a maneira como Plutarco os utiliza para definir seu próprio *ethos*. O autor entende que o polímata procurava estabelecer um ar de amizade com seus leitores. Ao se colocar em lugar de igualdade com seu público, apresentando-se como um homem no caminho para elevar sua moral, Plutarco convidava seus leitores a trilhar com ele o caminho necessário para emular as virtudes que descrevia em suas *Vidas*⁴⁶.

Tal convite reflete a importância que o queronense dava à ação, e seu entendimento de que a moral deveria ser exercitada no dia-a-dia. Para Plutarco, indivíduos que realizavam grandes feitos eram mais dignos do que aqueles que

⁴² STADTER, P. A., 1988, p. 275-276

⁴³ *Ibid.*, p. 276.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 279-280.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 290.

⁴⁶ *Ibid.* p. 292-293. “Such a portrait could easily match the dedicatee of the Lives, Sosius Senecio, or at least the way he would like to see himself. It would also match Plutarch himself, and this is perhaps one of the secrets of the Lives, that Plutarch envisions an audience so much like himself, not only interested in but sharing his feelings on moral improvement, duty, and the importance of philosophy in guiding one's life. If the reader did not actually live this way, he wished to.”

simplesmente os relatavam⁴⁷, ou que aqueles que somente teorizavam abstrações filosóficas a respeito da moral⁴⁸. De acordo com Beck, Plutarco estava convencido de que indivíduos dotados de talentos deveriam usá-los à serviço da comunidade, politicamente⁴⁹. A forma como essa importância da ação se reflete no texto plutarquiano é bem discutida por Joaquim Pinheiro.

Pinheiro explica que, no texto de Plutarco, “a πρακτικὴ ἀρετὴ [virtude prática] assume um lugar especial”, uma vez que o biógrafo tinha a consciência de que sua estratégia moralizante não poderia estar baseada somente na filosofia abstrata ou num discurso eloquente e formal, mas sim no exercício da virtude, e que, para este fim, era necessário educar aqueles que detinham o poder⁵⁰. Para tanto, bem como para a sua auto-caracterização e a de suas personagens, Plutarco recorre às anedotas para dar exemplos de quais atitudes se deveria emular, ou evitar, para tornar-se um homem de elevada moral.

O comportamento dos biografados e sua relação com outras personagens nestas anedotas é o que define a maneira como estes serão descritos pelo autor, e, portanto, como serão entendidos pelo público: se serão elogiados e admirados por se portarem com moderação perante tentações; ou considerados maus exemplos por comportamentos intempestivos e pouco moderados⁵¹.

Pinheiro enfatiza que o polímata emprega as anedotas como um suporte para seu texto, de modo a ilustrar o código moral que o biógrafo procurava construir⁵². O uso destes relatos anedóticos, no entanto, traz diversos problemas para o uso das biografias de Plutarco enquanto fonte, dada a dificuldade para se identificar a origem de tais histórias. Mesmo quando sabemos algo sobre sua autoria, pouco temos a dizer

⁴⁷ BECK, M., 2013, p. 5.

⁴⁸ PINHEIRO, Joaquim, O valor da filosofia e da *paideia*: a construção moral e retórica de Plutarco. In: CARDÓ, Pilar Gómez; LEÃO, Delfim F.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Ed.). **Plutarco entre mundos: visões de Esparta, Atenas e Roma**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 123-124

⁴⁹ BECK, M., 2013, p. 5.

⁵⁰ PINHEIRO, J., 2014, p. 122-123.

⁵¹ A caracterização de personagens por meio de anedotas na biografia de Alexandre foi previamente discutida em FERREIRA DA SILVA, L. 2021.

⁵² PINHEIRO, Joaquim. O efeito retórico das histórias anedóticas na biopsicografia de Plutarco. **JoLIE, journal of linguistic and intercultural education**, v. 2, p. 213-220, 2009, p. 214

sobre o quanto se altera em relação ao texto original e ao que Plutarco decide adaptar para suas obras⁵³.

Contudo, para Plutarco, as anedotas não prejudicam a “verdade histórica”, sendo apenas uma forma de ilustrar detalhes com mais precisão em sua narrativa⁵⁴. Este recurso era já bastante recorrente na biografia. Assim, mesmo ciente de que um relato anedótico poderia conter fragilidades, o queronense o incluiria em seu texto da mesma forma, com o intuito de trazer mais credibilidade à uma outra versão da mesma história⁵⁵.

Em sua análise sobre o efeito “biopsicográfico” destas anedotas, Pinheiro aponta que “de acordo com a retórica clássica, a anedota ou *chreia* representa algo e integra-se no texto segundo algumas técnicas de manipulação”, das quais destaca três, definidas pelo sofista Élio Teon: a técnica do comentário ou exemplo; o apoio à objeção; e o recurso para expandir uma noção ou opinião. Pinheiro entende que o queronense utiliza as anedotas, principalmente, como meio de exemplificar ou comentar, e que prefere aquelas com um efeito alusivo, nas quais o biografado não está diretamente envolvido⁵⁶.

Na biografia de Alexandre, por exemplo, Plutarco escolhe relatar o depoimento de um camareiro persa a Dario, então inimigo de Alexandre. O camareiro, após fugir do acampamento macedônio para contar a Dario que sua esposa havia falecido ao dar à luz, fala ao rei da Pérsia sobre a bondade e generosidade demonstradas pelo rei macedônio, em relação à família de Dario, dado que sua esposa, mãe e filhas haviam sido capturadas pelo exército de Alexandre⁵⁷.

Nesta história, o macedônio não está diretamente envolvido, mas a construção que Plutarco pretende fazer do rei é bem refletida, sendo Alexandre retratado como um rei generoso e benevolente, mesmo perante seus inimigos. A pequena digressão se

⁵³ PINHEIRO, J., 2009, p. 213.

⁵⁴ BARBU N., 1976 apud PINHEIRO, J., 2009, p. 215

⁵⁵ PINHEIRO, J., 2009, p. 216

⁵⁶ *Ibid.*, p. 213-216

⁵⁷ Plut., *Alex.*, 21. Alexandre havia, anteriormente, garantido às mulheres persas que seriam tratadas pelos macedônios com as mesmas honras reais a que sempre estiveram acostumadas.

encerra com o pedido de Dario aos deuses de que, se outro homem, que não ele, tivesse de assentar o trono de Ciro, que este fosse Alexandre.

Pinheiro entende, ainda, que as anedotas auxiliam na construção deste “retrato psicológico” dos biografados, ilustrando a mensagem moral que Plutarco desejava transmitir e assumindo, ainda, um papel retórico, ao completar a argumentação e apoiar a caracterização do perfil ético-moral do herói⁵⁸.

Quanto aos valores filosóficos do polímata, George Harrison aponta que é difícil estabelecer quais seriam suas crenças⁵⁹. Apesar de contemporâneo do movimento que, posteriormente, foi chamado de Segunda Sofística, Plutarco não sofreu influência do mesmo⁶⁰, e, portanto, é provável que não compartilhasse de seus ideais morais⁶¹.

O queronense também não se reclamava membro de nenhuma escola filosófica, apesar de sua obra refletir preceitos platônicos e estoicos, escolas às quais o próprio Plutarco tecia críticas⁶². Pinheiro nota, ainda, que o queronense aparentava ter uma conexão mais forte com Aristóteles e os peripatéticos, principalmente no que diz respeito a temas como a *physis* e a lógica⁶³.

É difícil estabelecer, também, sua relação com outros autores do mesmo período, ou o que pensava sobre retórica, devido à falta de registros nesse sentido⁶⁴. Para Harrison, Plutarco não mantinha laços próximos com autores gregos, sendo mais

⁵⁸ PINHEIRO, J., 2009, p. 214.

⁵⁹ HARRISON, George. Rhetoric, writing and Plutarch. **Ancient Society**, v. 18, p. 271-279, 1987., p. 272.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 272.

⁶¹ Chamado também de “Renascença grega” (BECK, M., 2013), a Segunda Sofística foi um movimento de revalorização da cultura helênica por parte de autores da época imperial, que procuravam escrever com um estilo que se assemelhasse ao dos autores gregos da época helenística. Pinheiro (2014, p. 120) acredita que Plutarco tenha “antecipado” o encontro das culturas de helenos e romanos, que viria a ser promovido pelo movimento. Os termos “Segunda Sofística” e “Renascença grega”, no entanto, foram cunhados por historiadores modernos, não havendo o auto-reconhecimento de uma escola literária com tais valores entre os autores do século I d.C.

⁶² HARRISON, G., 1987, p. 273; PINHEIRO, J., 2014, p. 122.

⁶³ PINHEIRO, J., 2014, p. 122.

⁶⁴ HARRISON, G., 1987, p. 272.

ligado aos latinos. Ainda assim, até mesmo sua relação com estes últimos é de difícil definição⁶⁵.

O império de Alexandre como fonte para o Império Romano

Fica estabelecida, assim, a relação de Plutarco, um grego pertencente à elite provincial, com o Império Romano, que exercia autoridade sobre as províncias gregas, bem como o público que o queronense desejava atingir com suas obras. Procuramos, agora, compreender como a biografia de Alexandre pode refletir o contexto social de sua produção, assim como os objetivos moralizantes de seu autor, a partir daquilo que o mesmo indica serem as características necessárias a um bom governante, bem como aquelas inerentes a um mau governante.

Antes, no entanto, é necessário trazer à tona o debate a respeito do valor das biografias plutarquianas como fonte: se estas seriam uma fonte valiosa para o contexto do biografado, ou se apenas refletem os preceitos e valores de seu autor.

Para Maria Aparecida de Oliveira Silva, por exemplo, as biografias de Plutarco não concentram suas narrativas nos biografados, e, através da caracterização de personagens secundárias, constroem o “contexto social” de seus protagonistas⁶⁶. Tal hipótese, caso verdadeira, nos possibilitaria um estudo da sociedade macedônica do século IV através da *Vida de Alexandre*, por exemplo.

A autora sustenta, ainda, que Plutarco seria um historiador, a despeito, não só das declarações do próprio sobre sua identificação como biógrafo, mas, também, da distinção entre os gêneros biografia e história, já bem estabelecida na antiguidade⁶⁷. Para Silva, o polímata escreve, através das biografias de ilustres espartanos, um relato historiográfico da cidade de Esparta⁶⁸. Além disso, defende que, em seu trabalho de seleção de fontes, Plutarco teria realizado tarefa de historiador, ao

⁶⁵ HARRISON, G., 1987, p. 273

⁶⁶ SILVA, M. A. O. Biografia como fonte histórica. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, n. 36/37, p. 9-15, 2007, p. 14.

⁶⁷ MAGALHÃES, Luiz Otávio de. Plutarco: historiografia e biografia na cultura greco-romana. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 2, n. 3, p. 181-187, 2009, p. 182.

⁶⁸ SILVA, M. A. O., 2006, p. 50.

selecionar, dentre o material que tinha disponível, aquele que melhor refletia a “verdade histórica”⁶⁹.

Silva também rebate historiadores do século XIX, que acreditavam que as biografias, como gênero literário, não poderiam servir como fonte histórica, dado que teriam sua narrativa centrada na ação dos biografados, desprezando, então, o contexto social⁷⁰. Assim, pouco contribuiriam para as histórias social e econômica, em ascensão no século XIX, e que focavam suas análises nos espaços públicos e políticos⁷¹.

Para a historiadora, esta limitação da narrativa biográfica seria infundada, uma vez que o “arco de informações” em uma biografia se estenderia sobre o indivíduo e sua sociedade. Defende, então, que se repense o uso da biografia enquanto fonte, já que, no seu entender, indivíduos não podem agir sem que estejam sobre a influência de seu meio social. Assim, até mesmo a análise de suas ações e escolhas seria relevante para a historiografia, uma vez que estas poderiam refletir valores e ideais do meio onde o biografado viveu⁷².

Para a autora, ao analisarmos as biografias espartanas em ordem “cronológica”⁷³, teremos um relato da “vida” da cidade de Esparta. Desse modo, no entender de Silva, Plutarco teria realizado a tarefa de historiador para compor uma biografia da cidade⁷⁴, tendo como base os diferentes contextos sociais dos ilustres biografados. Tal hipótese, no entanto, desconsidera tanto a ordem de leitura que o polímata escolheu

⁶⁹ SILVA, M. A. O., 2006, p. 57.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 11.

⁷¹ *Ibid.*, p. 9-11. Em sua análise da historiografia do século XIX, a autora critica a metodologia historiográfica proposta por Leopold von Ranke, que colocava o indivíduo como espectador passivo dos acontecimentos, centrando os estudos em aspectos políticos e religiosos das sociedades. Defende, ainda, que a análise historiográfica da ação dos indivíduos deve ser como a de Karl Marx, que, em sua tese sobre Louis Bonaparte, analisa a ação do indivíduo enquanto faz uma descrição de seu cenário social. Para Silva, a obra de Marx, influenciada pelas ideias de Hegel sobre o indivíduo, buscava provar que o contexto social moldou as ações de uma “personagem secundária” da História.

⁷² *Ibid.*, p. 11.

⁷³ Conforme explica Magalhães (2009, p. 186), “para que se perceba o arcabouço historiográfico presente nas biografias de Plutarco”, é preciso, segundo Silva, rejeitar a estrutura paralelística com a qual Plutarco compõe suas biografias, em favor de uma ordem de leitura proposta pela autora, a saber: Licurgo, Lisandro, Agesilau, Ágis e Cleômenes (SILVA, 2006, p. 113).

⁷⁴ MAGALHÃES, L. O., 2009, p. 187

para apresentar suas *Vidas*⁷⁵, quanto o caráter e objetivos pedagógicos da obra de Plutarco, além da presença, em sua obra, de elementos típicos de biografias, como as anedotas; todos, supracitados.

Michael Grant é outro autor que considera Plutarco como pertencente ao panteão de historiadores da antiguidade. Grant, apesar de incluir o queronense junto de Suetônio, em sua análise sobre a historiografia antiga, se recusa a aprofundar-se no debate a respeito do gênero literário das obras de ambos, limitando-se a dizer, em nota, que a questão a respeito de biógrafos serem historiadores já havia sido discutida⁷⁶.

Em nossa análise da *Vida de Alexandre*, bem como para a compreensão deste debate a respeito do gênero das *Vidas*, levaremos em consideração as ideias de Arnaldo Momigliano⁷⁷ e John Marincola⁷⁸ sobre biografia e historiografia antiga, respectivamente.

Momigliano entende a biografia como um gênero literário em que se produz um relato de uma vida, do nascimento até sua morte⁷⁹. O autor, no entanto, assume que biografia e História frequentemente se confundem, e explica que, no século XX, houve um movimento de autores que buscavam afirmar a biografia enquanto um gênero

⁷⁵ Stadter (1988, p. 276, nota 7) explica que Plutarco entende seus pares biográficos como uma unidade, e, portanto, seria um erro alterar a ordem de leitura das biografias dentro de seus pares, ou mesmo mover seus proêmios, uma vez que estes, junto da ordem de leitura e das *synkriseis* ao final de cada par, são aquilo que definem os pares enquanto uma única obra composta. Pelling (2002, p. 574-597) também enfatiza que as biografias devem ser lidas em um único par, uma vez que a primeira pode estabelecer pontos a serem discutidos na segunda.

⁷⁶ GRANT, M., 1995, p. 2: “*This book, therefore, will for the most part deal with Herodotus, Thucydides, Xenophon, Polybius, Caesar, Sallust, Livy, Josephus, Plutarch, Tacitus, Suetonius and Ammianus Marcellinus (ignoring as irrelevant the possible protest that Suetonius and Plutarch are biographers rather than historians).*”, grifos nossos; nota 4: “*The question whether biographers were historians has long been discussed. Cf. Momigliano, The Development of Greek Biography (1971).*”

⁷⁷ MOMIGLIANO, Arnaldo. **The development of Greek biography**. Harvard University Press, 1993.

⁷⁸ MARINCOLA, John. **Authority and tradition in ancient historiography**. Cambridge University Press, 1997.

⁷⁹ MOMIGLIANO, A., 1993, p. 11: “*An account of the life of a man from birth to death is what I call biography.*”

historiográfico⁸⁰. Momigliano, por sua vez, prefere respeitar a diferença entre os gêneros, mas classifica a biografia como um tipo de “relato histórico”⁸¹.

O autor entende que a seletividade é a principal diferença entre biografia e História. Explica que, para o relato biográfico, ou autobiográfico, a seletividade é praticamente inerente ao processo de escrita, enquanto que, para a historiografia, a depender do tipo de fonte que se planeja analisar, a seletividade não é, sequer, uma opção⁸².

Nesse sentido, entendemos que biógrafos podem escrever seus relatos de maneira menos restrita que certos historiadores, uma vez que, como diz Momigliano, não parece ser possível produzir um relato completo de todas as realizações de um indivíduo no tempo de sua vida, de modo que o autor deverá selecionar aquilo que deseja registrar, dentre as informações que tiver disponíveis sobre o biografado⁸³.

Para determinadas obras historiográficas, no entanto, Momigliano acredita que tal escolha do que se irá registrar não é uma opção. Exemplifica da seguinte forma: uma pesquisa historiográfica que se proponha a estabelecer quais livros Dante Alighieri escreveu, deverá ser, e será, “exaustiva em termos de referência”⁸⁴.

Marincola, por sua vez, tenta estabelecer o gênero da historiografia na antiguidade. O autor entende que a historiografia seria “um ramo” da retórica, e que era submetida ao mesmo tipo de análise literária que gêneros como a poética e a oratória⁸⁵.

Seria esperado do historiador antigo, então, que tivesse cuidado e atenção à forma, linguagem e apresentação de seu material; que seu produto final fosse artístico e despertasse o interesse; e que deveria escrever tendo em mente a obra de seus

⁸⁰ MOMIGLIANO, A., 1993, p. 1: “*The biographers were no longer keeping in their place [...] they even claimed to be the real historians. The old and honoured distinction between history and biography—which Polybius (10.24) had proclaimed, Plutarch (Alexander 1.2) had recognized, and Eduard Meyer had reconfirmed as late as 1902—was apparently being denied by the boisterous international clan to which Emil Ludwig, André Maurois, and Lytton Strachey most conspicuously belonged.*”

⁸¹ *Ibid.*, p. 6: “*Nobody nowadays is likely to doubt that biography is some kind of history.*”; p. 11: “*I must add that it seems very doubtful to me whether incompleteness is, as some would maintain, characteristic of all historical accounts, biographical or otherwise.*”

⁸² *Ibid.*, p. 11.

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ MOMIGLIANO, A., 1993, p. 11. “*A piece of historical research intended to establish what books Dante wrote must and can be exhaustive within its terms of reference.*”

⁸⁵ MARINCOLA, J., 1997, p. 13.

antecessores, especialmente as boas obras, que fossem dignas de imitação⁸⁶. Este último aspecto é o que firma nosso entendimento a respeito do gênero literário em que se encaixam as *Vidas*.

Marincola explica que, na historiografia antiga, a boa imitação, e não a “mera cópia”, era entendida como uma tentativa de incorporar aquilo que havia de mais admirável na obra dos antecessores. Fosse a escolha de linguagem, forma, atitude, ou mesmo o próprio tema estudado, o historiador antigo deveria ter em mente que precisava reproduzir alguns elementos de obras anteriores, na tentativa de superá-las com sua própria produção⁸⁷.

Nesse sentido, o historiador precisava ser criativo, apropriando-se das obras daqueles que estabelecia como modelos, dando-lhes uma “nova vida”, e mostrando como boas obras poderiam ser melhoradas. E, ainda, caso não acreditasse que seus antecessores tivessem produzido um bom material, mostraria como tal estudo poderia ser bem feito, quando trabalhado de maneira diferente⁸⁸.

Marincola entende que o historiador deveria se ver não como um imitador, mas como um competidor, e que, ao ingressar no campo da historiografia, o objetivo de ser inovador e criativo a partir da reformulação das obras dos antecessores seria tanto um fator de motivação, quanto uma “restrição de sua inventividade”⁸⁹.

Dado que Plutarco não demonstrava preocupações outras que não fossem com suas finalidades pedagógicas, não tendo procurado imitar obras de antecessores; e, ainda, que tenha realizado seleção de informações e fontes de acordo com aquilo que melhor convinha a seu texto e objetivos⁹⁰. Soma-se a tais fatos a dificuldade, notada por Harrison, de se estabelecer que relação Plutarco mantinha com seus contemporâneos, e a falta de correspondências ao seu estilo na obra de outros autores do primeiro século. Caso realmente estivesse (ou, ao menos, tivesse a

⁸⁶ MARINCOLA, J., 1997, p. 13.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 13-4.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 14.

⁸⁹ SAID, E., apud MARINCOLA, J., 1997, p. 14.

⁹⁰ STADTER, P., 1988; PINHEIRO, J., 2009.

pretensão de estar) inserido numa corrente da historiografia antiga, o queronense teria de recorrer a um estilo e forma comuns a todos os historiadores de sua época.

Sobre o uso de suas fontes, o próprio queronense afirma, no preâmbulo da *Vida de Alexandre*, não se preocupar com grandes feitos, mas com relatos do cotidiano que lhe permitiriam melhor traçar o caráter do rei. Delegou, então, aos historiadores a busca pela “verdade” e por relatos mais precisos da vida do macedônio. Ainda assim, de acordo com Silva, seu grande conhecimento das fontes com as quais trabalhou o permitiu selecionar cuidadosamente aquelas que melhor refletiriam uma verdade, o que a autora acredita ser “tarefa do historiador”⁹¹.

Luiz Otávio de Magalhães acredita ser um erro reconhecer Plutarco enquanto um historiador por ter uma preocupação com a verdade, o que seria apenas uma forma de reproduzir a imagem a partir da qual historiadores antigos gostariam de ser vistos. O autor explica, ainda, que a busca pela verdade era premissa não só dos historiadores, mas também dos poetas, filósofos e biógrafos. Todos buscavam produzir um relato verossímil⁹².

Sendo assim, não acreditamos que nossa fonte, a biografia de Alexandre, configure um relato historiográfico da Macedônia do século IV. Concordamos com Silva quando a autora sustenta que as biografias plutarquianas fornecem informações interessantes a respeito do contexto social de seus protagonistas. Ainda assim, com base naquilo que conhecemos sobre o contexto do próprio biógrafo, o que sabemos de seu público e seus objetivos para suas biografias, julgamos leviano assumir que tais obras possam servir como a fonte mais segura para o período que retratam.

Apesar de suscitar questões pertinentes a respeito do Mundo Helenístico da época de Alexandre III, a biografia do rei nos diz mais a respeito da sociedade de seu autor, e de como essa entendia a sociedade macedônica do quarto século, do que pode nos dizer sobre a própria Macedônia. Não concordamos, portanto, que Plutarco tenha exercido trabalho de historiador, ou que suas biografias, lidas em qualquer que seja a

⁹¹ SILVA, M. A. O., 2006, p. 65.

⁹² MAGALHÃES, L. O., 2009, p. 184.

ordem, configurem um relato historiográfico, seja de seus biografados ou das cidades em que viveram.

Aquilo em que acreditamos, e que tentaremos realizar através deste trabalho, é que podemos compreender, pela construção de Alexandre e das personagens secundárias da biografia, como a alta sociedade imperial do século I d.C. entendia Alexandre e, especialmente, como entendia a atividade de uma mulher, Olímpia de Épiro, na política do reino da Macedônia.

Capítulo II:
O declínio moral de Alexandre

Nosso estudo da *Vida de Alexandre* terá como foco as atividades de Alexandre e Olímpia na corte macedônica. Consideramos que ambas as personagens são agentes políticos ativos, que recebem diferentes leituras e tratamentos por parte do biógrafo queronense.

Conforme explicado no capítulo anterior, podemos entender as estratégias retóricas de Plutarco, e como estas se refletem na construção de suas personagens, a partir de uma leitura crítica das anedotas que o autor inclui em suas biografias. Da mesma forma, podemos aprender mais sobre seu público, e sobre o próprio biógrafo, através do estudo de seus proêmios. Uma análise mais aprofundada do entendimento de Plutarco a respeito de seus biografados pode também ser resultado de um estudo das *synkriseis*, as comparações dos pares biográficos⁹³.

Destes possíveis focos para o estudo das biografias, restaram ao nosso par de *Vidas*, Alexandre e César, somente o proêmio de *Alexandre* e os textos de ambas as obras. A abertura da *Vida de César*, assim como a comparação entre as duas biografias, não chegou até nossos dias⁹⁴. O foco deste capítulo será, portanto, a personagem de Alexandre dentro da biografia. Procuramos entender, por meio da retórica empregada para descrever o rei e construir sua personagem, como Plutarco e seu círculo social entendiam as ações de Alexandre enquanto chefe da monarquia macedônica.

Analisar a forma como Alexandre interage com outras personagens dentro das anedotas é um meio para compreender a ideia que Plutarco constrói da moral do rei, bem como o valor que atribui ao biografado enquanto referência comportamental⁹⁵. Em específico, a forma como o rei interage com sua mãe, Olímpia, bem como o que

⁹³ PINHEIRO, J., 2013, p. 55.

⁹⁴ Timothy E. Duff (2011, p. 255) levanta a hipótese de que Plutarco possa não ter composto uma comparação entre Alexandre e César. De fato, seja por já se tratar de uma obra mais extensa que as demais (Stadter afirma que o conjunto tem duas vezes o tamanho médio dos outros pares), ou porque, na época, era comum comparar ambas as personagens, Plutarco pode ter julgado que não seria necessário incluir um epílogo comparativo neste par.

⁹⁵ Em FERREIRA DA SILVA, L., 2021, argumentamos que Plutarco constrói o rei como modelo e antímodo: o leitor deve procurar emular Alexandre na medida em que este tinha comportamentos admiráveis, ao passo que deve aprender, com os erros do macedônio, a não se desviar do caminho da moral.

pensa de suas atitudes, reflete preceitos de Plutarco e de seus leitores a respeito da rainha-mãe e de qual deveria ser lugar na sociedade.

Reconhecemos que, durante a composição das biografias, Plutarco teve acesso a um número abundante de fontes, o que se reflete na extensão maior do conjunto *Alexandre e César*⁹⁶. As principais fontes citadas pelo queronense são Aristóbulo, Ptolomeu e um conjunto de cartas pessoais de Alexandre que possuía. Não serão discutidas aqui a veracidade de tais cartas, ou, ainda, que uso Plutarco teria feito do material que tinha em mãos: o que teria adaptado, e de que forma.

Nossa análise se preocupa com a construção das personagens, e a que propósitos ideológicos e/ou políticos estas personagens servem. Sendo assim não é de grande relevância para nosso estudo uma avaliação minuciosa do material a que o polímata teve acesso. Em vez disso, procuramos, no presente capítulo, realizar um estudo do texto de *Alexandre* que nos aproxime, através do diálogo com outros autores, da agenda ideológica por trás das personagens de Plutarco.

Macedônios e o helenismo: identidade e performance

Inicialmente, julgamos necessário estabelecer os macedônios como uma categoria à parte dentro da obra do queronense. A forma como Plutarco entende os macedônios enquanto grupo étnico influencia na maneira como descreve suas ações: por vezes, o polímata parece querer aproximá-los dos bárbaros⁹⁷.

Tim Whitmarsh acredita que os gregos entendiam os macedônios de maneira ambígua. O autor exemplifica sua ideia com uma história de Heródoto, na qual Alexandre I da Macedônia teria sido impedido de participar dos Jogos Olímpicos. O macedônio seria visto pelos espartanos como um “colaborador dos persas” e “camarada tirano de Xerxes”, e, portanto, foi acusado de ser um bárbaro. Contudo,

⁹⁶ STADTER, P. A., 1988, p. 276.

⁹⁷ Os gregos consideravam bárbaros os grupos étnicos que não compartilhavam de seus costumes, idioma, valores éticos, tradições religiosas, culturais e histórias ou mitos de origem. Àqueles considerados bárbaros eram negados vários direitos. Não poderiam, por exemplo, adquirir cidadania em determinadas cidades, ou participar dos Jogos Olímpicos.

Alexandre provou ser um heleno ao se apresentar como argivo⁹⁸, conseguindo, assim, a permissão para participar dos Jogos⁹⁹.

Whitmarsh entende, portanto, que a performance da helenidade não estaria relacionada ao “ser interior”, mas, que seria pautada pelo reconhecimento público de certos papéis sociais¹⁰⁰. Sem desprezar a noção de que “ser grego” compreendia, principalmente, fatores linguísticos e étnicos, como a origem épico-histórica¹⁰¹ e genealógica de um grupo, para além dos fatores meramente comportamentais ou culturais, Whitmarsh define a identidade grega como constituída por um conjunto de valores civilizatórios e intelectuais, os quais seriam: *praiotes* (gentileza), *sophrosyne* (autocontrole), *epieikeia* (decência), *philantropia* (benevolência) e, principalmente, a *paideia*¹⁰².

Para Plutarco, ser grego significava pensar e, principalmente, agir, de maneira ética, levando em consideração este conjunto de valores, que frequentemente ligavam ações positivas à educação, a um elitismo social e ao helenismo¹⁰³. Com base nisso, o queronense chega a descrever certos romanos como sendo “mais gregos do que os gregos”, o que reflete o quanto seu entendimento de “helenismo” estava ligado a uma ideia de civilização¹⁰⁴. Nesse sentido, toda pessoa civilizada tinha a capacidade de se tornar um heleno, mas, na prática, poucos bárbaros poderiam, de fato, se helenizar¹⁰⁵.

Assim, Whitmarsh entende que o conceito universalizante de *paideia* helênica, presente na obra de Plutarco, entra em conflito com a consciência que o biógrafo tinha das diferenças e limites culturais, e do termo *Hellēn* como denotador de uma

⁹⁸ Nascido na cidade de Argos, na Grécia.

⁹⁹ WHITMARSH, Tim. Alexander's Hellenism and Plutarch's Textualism. **The Classical Quarterly**, v. 52, p. 174-192, 2002, p. 174-5.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 175.

¹⁰¹ A genealogia dos helenos estava, por vezes, ligada a relatos históricos que se misturavam a narrativas míticas. Era comum que mitógrafos (filósofos, historiadores, gramáticos e polígrafos) traçassem a origem de famílias gregas a heróis como Aquiles e Hércules, ou mesmo a deuses. Ver: HENRICH, Albert. Three approaches to Greek mythology. In: BREMMER, Jan. (ed.). **Interpretations of Greek mythology**. London / Sydney: Croom Helm, 2014. p. 242-277.

¹⁰² WHITMARSH, Tim. **Greek Literature and the Roman Empire: The Politics of Imitation**. Oxford University Press, 2001, p. 21

¹⁰³ *Ibid.*, p. 117

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 118

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 21

identidade que era, sobretudo, étnica. As *Vidas* do queronense seriam um teste do quanto a história romana poderia ser absorvida pela teoria intelectual grega¹⁰⁶.

Entendemos, então, que *ser* heleno, no sentido étnico, e *performar* a helenidade, ou seja, ser reconhecido como um grego perante a sociedade, eram coisas distintas, e não excludentes entre si. Um nascido grego poderia não performar helenidade, por exemplo, se seu comportamento não estivesse alinhado aos valores helênicos – e, mesmo assim, ainda seria considerado grego. Por outro lado, qualquer um que recebesse a educação adequada poderia se portar civilizadamente; ou seja, como um grego. Ao afastar-se dos valores helênicos, no entanto, tal indivíduo teria sua identidade questionada. O Alexandre da biografia seria, então, um exemplo (para os romanos, principalmente) de como um não-heleno, ao receber uma boa educação e dedicar-se aos valores gregos, poderia performar a helenidade a ponto de ser considerado pelos próprios gregos como um ícone do helenismo¹⁰⁷.

É difícil estabelecer, no entanto, a autopercepção dos macedônios neste sentido. Conforme afirma Johannes Engels, pouco se preservou das fontes históricas, geográficas ou mitológicas da Macedônia, de modo que a maioria das informações a que temos acesso são pelos relatos de gregos, ou mesmo romanos de períodos posteriores. Tais relatos, no entanto, certamente são enviesados por preceitos de seus autores e das épocas em que escreveram¹⁰⁸, como explicamos no capítulo anterior, a respeito da própria *Vida de Alexandre*.

De acordo com Engels, distinguir os macedônios de gregos não é um problema somente para os estudos modernos, uma vez que os próprios autores antigos também encontravam dificuldade em estabelecer diferenças entre os macedônios e seus vizinhos imediatos¹⁰⁹, bem como dos gregos das Héldes central e do sul. Essa diferenciação passa a ser discutida na antiguidade quando surge o interesse em distinguir os macedônios dos atenienses e espartanos. Engels ressalta que todos os

¹⁰⁶ WHITMARSH, T., 2002, p. 118

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 176: “*But there were indeed Greeks prepared to represent Alexander as a culturally charged icon of Hellenism. Some accounts of Alexander’s conquests presented early Romans doing obeisance to the Macedonian general: a comforting fantasy for those now subject to Roman rule*”.

¹⁰⁸ ENGELS, Johannes. Macedonians and Greeks. In: ROISMAN, Joseph; WORTHINGTON, Ian (Ed.). **A companion to ancient Macedonia**. Oxford/Wiley-Blackwell, 2010, p. 81-82

¹⁰⁹ Trácios, ilírios, epirotas e tessálios.

autores antigos que trataram deste tema tinham suas próprias agendas políticas e ideológicas, que devem ser consideradas em análises mais aprofundadas sobre a questão¹¹⁰.

Procurar, entre helenos e macedônios, diferenças étnicas, linguísticas, culturais ou religiosas também não parece, para Engels, ser a resposta para a questão. O autor explica que o conceito de oposição mais importante é o contraste entre gregos e bárbaros, que foi usado para reprimir as reivindicações de helenidade por parte dos macedônios até os reinados de Filipe II e Alexandre III. No período helenístico, no entanto, surge uma definição alternativa de helenismo, que estaria pautada no ideal compartilhado da *paideia*, e de uma elite cultural comum¹¹¹.

Engels acredita que a região do Épiro, terra-natal da rainha-mãe Olímpia, possa servir de exemplo, ou paralelo, para o caso da Macedônia, devido às similaridades e à proximidade entre as duas regiões. Segundo o autor, no período clássico, epirotas e macedônios ainda viviam como gregos arcaicos. Além disso, o passado de ambos os grupos étnicos remonta aos épicos gregos. Ainda assim, nunca houve uma forte discussão entre os antigos a respeito da helenidade dos epirotas, da maneira como aconteceu com os macedônios. Engels entende que a ausência de uma ênfase a este tema se dá pois, ao contrário dos macedônios, os epirotas não tinham pretensões de constituir uma hegemonia na região da Hélade¹¹².

Assim, entendemos que a tentativa de separar, etnicamente, os macedônios dos atenienses e espartanos, ao coibir sua tentativa de assumir a identidade helênica, servia para impedir uma expansão do poder macedônio sobre a região da Hélade. Ao ter sua legitimidade enquanto gregos questionada, os macedônios encontrariam mais dificuldade em ser reconhecidos como um grupo respeitável na região, o que pode ter minado planos de expansão territorial.

Ainda que a autopercepção dos macedônios não seja de grande influência para nossa análise, julgamos importante introduzir brevemente a questão. Para um estudo do Alexandre plutarquiano, no entanto, basta compreender que, para os helenos, os

¹¹⁰ ENGELS, J., 2010, p. 82-83.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 83.

¹¹² *Ibid.*, p. 83-4

macedônios constituíam uma identidade étnica diferente, mesmo que compartilhassem de um passado e cultura comuns. As consequências desse pensamento, como veremos, podem ser verificadas na composição da *Vida de Alexandre*, pela maneira como Plutarco descreve os macedônios.

Como constata Rainer Guggenberger, e como explicamos até então, os macedônios não eram entendidos por Plutarco, e nem por outros helenos, como pertencentes a um grupo étnico comum¹¹³. Assim, tanto Alexandre, como as outras personagens macedônicas na obra, são vistas por um escopo diferente daquelas nos conjuntos “tradicionais” de biografias plutarquianas.

A *Vida de Alexandre* é, então, excepcional, por não se tratar de um relato sobre um heleno ou um romano¹¹⁴. Ainda assim, a biografia de Alexandre, bem como a própria personagem do rei, está mais próxima dos helenos do que estaria de “bárbaros”. Para Guggenberger, o queronense apresenta os macedônios como uma “terceira categoria”¹¹⁵: não os considera bárbaros, já que compartilham ideais e costumes comuns com os helenos, mas, ainda assim, não os inclui entre os gregos.

Conforme revela a análise que Guggenberger realiza do texto plutarquiano, a caracterização das personagens macedônicas frequentemente as aproxima de comportamentos considerados bárbaros. A destruição de Tebas pelo exército de Alexandre e o assassinio de Clito, amigo do rei, por parte do monarca, são relatados por Plutarco com um tom de lamento, por se tratarem de ações que o queronense esperaria de bárbaros. Ainda assim, o biógrafo não usa o termo “bárbaros” para se referir aos macedônios. De acordo com Guggenberger, um povo que já não era

¹¹³ GUGGENBERGER, Rainer. Nem bárbaros e nem helenos: os macedônios do sec. IV a.C. como terceira categoria em Plutarco. In: SEBASTIANI, Breno Battistin; RODRIGUES, Fernando; COSTA E SILVA, Bárbara. **Problemas de Historiografia Helenística**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 44

¹¹⁴ A única outra biografia de Plutarco a não se tratar de uma figura grega ou romana é a *Vida de Artaxerxes*, um rei persa. Seu par seria a *Vida de Árato*, um estadista grego. Para uma lista do que se acredita serem todas as biografias compostas por Plutarco, inclusive as perdidas, ver: SILVA, M. A. O., 2006, p. 30-1.

¹¹⁵ GUGGENBERGER, R., 2019, p. 63.

considerado bárbaro não poderia passar a ser, mesmo que tenha comportamentos similares aos deles¹¹⁶.

Guggenberger acredita que as exceções a essa caracterização bárbara são o próprio rei Alexandre e seu pai, Filipe. Ambos os monarcas se isentariam de tal personificação por terem recebido uma educação nos moldes gregos¹¹⁷. Plutarco, no entanto, não nos fala sobre a educação de Filipe. A respeito da educação de Alexandre, diz que era supervisionada por Leônidas, parente de Olímpia; que seu preceptor oficial era Lisímaco, que se aproveitava de seu cargo para se promover¹¹⁸; e que, mais tarde, Filipe manda trazer Aristóteles, à época ainda longe de ser tornar o ilustre filósofo que viria a ser¹¹⁹, para ensinar o filho:

“Muitos foram os encarregados de se ocuparem dele, como é natural, de o alimentar, de o educar, de o ensinar, supervisionados por Leônidas, um homem de temperamento austero e parente de Olímpia. Embora este não recusasse o título de tutor, tarefa que considerava honrosa e distinta, houve quem, em função da sua dignidade pessoal e do parentesco, lhe desse o título de pai adotivo ou mentor de Alexandre. A função e o título de tutor foram conferidos a Lisímaco, um sujeito nascido na Acarnânia, que não era propriamente brilhante; mas como se designava a si mesmo por Fénix, a Alexandre por Aquiles e a Filipe por Peleu, gozou de um grande prestígio e ocupou um segundo lugar” (Plut., *Alex.*, 5).

“Filipe não tinha grande confiança na orientação e na preparação dos mestres de humanidades e das disciplinas do plano geral que o filho tinha, mas estava certo da relevância da questão, como diz Sófocles ‘obra de muitos freios e de muitos lemes também’. Mandou então chamar o mais famoso e competente dos filósofos, Aristóteles, e propôs-lhe um salário generoso e apropriado à sua reputação. A cidade de Estagira, de onde Aristóteles era natural e que Filipe tinha arrasado, foi reconstruída e permitido o regresso dos cidadãos então no exílio ou reduzidos à escravatura.” (Plut., *Alex.*, 7).

Se o período que Alexandre passou sob a tutela de Aristóteles, bem como a amizade que cultivou com o filósofo por um certo tempo, denotam que o rei recebeu uma educação nos moldes gregos, Plutarco não deixa claro¹²⁰. Ainda assim, o

¹¹⁶ GUGGENBERGER, R., 2019, p. 55.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 71, nota 79.

¹¹⁸ SILVA, Maria de Fátima; BRANDÃO, José Luís. **Vidas Paralelas**: Alexandre e César. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 61, nota 26.

¹¹⁹ DUFF, Timothy E.; SCOTT-KILVERT, Ian. **The Age of Alexander**: ten greek lives by Plutarch. Penguin Classics, 2011, p. 263, nota 21.

¹²⁰ Alexandre viria a romper sua relação com Aristóteles quando o mesmo publicou algumas de suas teorias “acroamáticas”, que só seriam, até então, transmitidas oralmente e para um público restrito. O rei desejava se distinguir de outros homens pelo seu conhecimento singular, e, portanto, não lhe interessava conhecer aquilo que outros também sabiam (Plut., *Alex.*, 7). Pinheiro (2013) entende que tal comportamento por parte de Alexandre é “elitista”, uma vez que não queria compartilhar de seu

biógrafo parecia acreditar que Alexandre tivesse recebido uma educação grega o suficiente para aproximar-se de um *pepaideumenos*¹²¹.

Sabemos que o biógrafo não faz referências diretas à *paideia* no decorrer da biografia do macedônio. No entanto, como já foi apontado, Plutarco acredita numa ideia universalizante de *paideia*, e pode ter escolhido Alexandre como exemplo de que a educação helênica seria a mais adequada para garantir que se atinja altas virtudes éticas, independentemente de qualquer genealogia.

Mesmo assim, o biógrafo projeta a genealogia de Alexandre a grandes heróis do passado grego, tanto pelo lado de seu pai, como pelo de sua mãe¹²². Desse modo, entendemos que, apesar de considerar os macedônios como uma categoria à parte entre helenos e bárbaros, Plutarco coloca Alexandre como mais próximo dos helenos do que o restante de sua corte¹²³, o que, no seu entender, pode tornar mais fácil para o rei performar a helenidade.

Num esforço de aproximação similar, o biógrafo diz, ainda, que Alexandre tinha por Aristóteles admiração e afeto maiores do que por Filipe, uma vez que este último o tinha dado a vida, enquanto o primeiro lhe ensinou a arte de viver bem a vida. Assim, Alexandre não viveria como Filipe, um macedônio, mas, da maneira como Aristóteles lhe ensinara: como um heleno¹²⁴.

Tal aproximação dos helenos pode ser o que justifica, para o biógrafo, que compare Alexandre a César nos mesmos moldes que comparava gregos e romanos. Plutarco parece compreender os romanos de maneira similar àquela que compreende

conhecimento. Isto enfraquece a imagem que o próprio Plutarco tentava construir de Alexandre como um rei-filósofo em *De Alexandri magni fortuna aut virtute*, onde Plutarco defende que o macedônio levaria a cultura helênica a outros povos, sendo, portanto, um civilizador.

¹²¹ Aqueles educados de acordo com a *paideia*. Homens que conheciam bem a cultura e os valores morais da sociedade helênica. Ver: ANGIONI, Lucas. O ser humano cultivado (*pepaideumenos*) em Aristóteles. **Filosofia e Educação**. v. 9, n. 1. Campinas, SP, p. 165-196, 2017.

¹²² Plut., *Alex.*, 2: “No que à linhagem diz respeito, Alexandre, do lado paterno, descendia de Hércules, através de Carano; e do lado materno, provinha de Éaco, através de Neoptólemo, matéria esta que não suscita qualquer controvérsia”.

¹²³ Ao colocar Alexandre mais próximo dos helenos por razões genealógicas, é possível que, por extensão, Filipe fosse entendido da mesma forma. Por outro lado, sua mãe, Olímpia, uma epirota, povo que eventualmente seria considerado heleno, era vista por Plutarco como mais próxima dos bárbaros do que seria Filipe (GUGGENBERGER, R., 2019, p. 54).

¹²⁴ Plut., *Alex.*, 8.

Alexandre: assim como os macedônios, os romanos traçavam sua origem aos troianos¹²⁵, e, mesmo assim, não eram considerados gregos pelos helenos. Ainda assim, o queronense mantinha laços estreitos com inúmeros cidadãos da capital, e certamente não acreditava que fossem bárbaros.

Pelo tom que a biografia apresenta após sua metade, acreditamos que Plutarco tenha entendido Alexandre como um não-heleno que, com a educação adequada, demonstrou potencial para atingir uma moral elevada, e, por certo tempo, executou uma performance invejável da identidade helênica. No entanto, o macedônio, por suas origens quase bárbaras, não foi capaz de manter-se no caminho da moral por muito tempo, eventualmente cedendo à cólera e à uma tirania que o fazem abusar de sua autoridade monárquica.

Nesse sentido, Plutarco aproxima Alexandre dos gregos na medida em que o rei age de acordo com os princípios morais helênicos. No entanto, como veremos a seguir, Alexandre avança em direção ao oriente, indo ao encontro não só dos persas, mas também de seus costumes e comportamentos. Aderindo cada vez mais a uma identidade que Plutarco entendia como “bárbara”, o rei perde, aos olhos do biógrafo, seu *status* helênico.

A “helenidade” do Alexandre de Plutarco

Desde o princípio de sua obra, Plutarco destina Alexandre a grandes feitos. O biógrafo descreve seu nascimento de maneira grandiosa, envolvendo-o em sonhos misteriosos e presságios de grandeza, conferindo um tom épico à biografia¹²⁶. Diz que, na noite anterior às núpcias de Filipe e Olímpia, a noiva teria sonhado que um trovão atingia seu ventre, causando um enorme incêndio, que se alastrava sem controle, antes de, sozinho, se extinguir¹²⁷.

Filipe, mais tarde, sonha que está selando o ventre de sua esposa, e que a efígie do selo se assemelhava a um leão. Quanto a isso, Plutarco diz que a maioria dos

¹²⁵ MARQUES, Juliana Bastos. Rômulo, Camilo e Augusto: a Roma renovada de Tito Lívio. In: LESSA, Fábio.; BUSTAMANTE, Regina. (orgs.) **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012, p. 429-30.

¹²⁶ Ver: MOSSMANN, Judith. Tragedy and Epic in Plutarch's *Alexander*. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 108, pp. 83-93, 1988. A autora analisa a influência da poesia épica homérica e, em específico, de Aquiles, na construção que Plutarco realiza de Alexandre.

¹²⁷ Plut., *Alex.*, 2.

adivinhos aconselharam ao rei que tomasse cuidado com sua esposa, sendo a única exceção Aristandro de Telmesso, que lhe disse que sua esposa deveria estar grávida, uma vez que não se sela um recipiente vazio, e que seu filho deveria ter a natureza impulsiva de um leão¹²⁸.

Aos presságios sobre a gravidez de Olímpia se soma o nascimento do rei, que teria acontecido num dia de grandes vitórias para seu pai. Segundo Plutarco, Filipe, que acabara de conquistar Potideia, teria recebido, ao mesmo tempo, três notícias: que seu companheiro Parmênion havia derrotado os Ilírios em batalha; que seu cavalo tinha vencido a corrida nos jogos olímpicos; e que havia nascido Alexandre. Teriam lhe dito, ainda, que um filho cujo nascimento coincidia com três vitórias seria invencível¹²⁹.

Conforme notam Maria de Fátima Silva e José Luís Brandão, era comum que se envolvesse em acontecimentos maravilhosos o nascimento de uma pessoa distinta¹³⁰. José Pedro Serra ressalta, ainda, que tais relatos de Plutarco, somados aqueles sobre a devoção de Olímpia a cultos misteriosos e os rumores de que seria consorte de algum ser superior¹³¹ corroboram para a construção de Alexandre como um indivíduo destinado a ser excepcional¹³².

Serra acredita que as promessas de grandeza que circundam o nascimento do macedônio são confirmadas antes mesmo de Alexandre chegar à idade adulta. Para o autor, um exemplo é a ocasião em que Alexandre recebe embaixadores persas que visitavam a corte macedônica, em razão da ausência de Filipe.

Segundo Plutarco, o jovem soube se mostrar amável e conquistou os persas pela gentileza. Não se portando de maneira infantil, Alexandre interrogou os emissários

¹²⁸ Plut., *Alex.*, 2.

¹²⁹ *Ibid.*

¹³⁰ SILVA, M. F.; BRANDÃO, J. L., 2019, p. 53, nota 9.

¹³¹ Plut., *Alex.*, 2.

¹³² SERRA, José Pedro. Alexandre Educador ou O Império da Finitude. In: FERREIRA, José Ribeiro (org.). **Actas do Congresso Plutarco Educador da Europa**, Universidade de Coimbra, 2002, p. 96.

sobre a extensão das estradas de seu reino e sobre a capacidade de seu rei como guerreiro¹³³.

Outro exemplo seria a anedota em que Alexandre domina o cavalo Bucéfalo. O jovem percebe que seu pai deixaria de adquirir um ótimo cavalo por não saber como domá-lo¹³⁴. O animal se mostrava hostil, e não permitia que ninguém lhe montasse. Filipe, irritado, mandou que o levassem embora, acreditando se tratar de um cavalo selvagem. Alexandre, então, desafiou seu pai, e disse: “Que belo animal eles vão perder! Tudo por falta de jeito e de ousadia. É isso o que os impede de lidar com ele”. Em resposta, o rei desafiou o filho a domar o animal, se fosse capaz.

Alexandre prontamente foi até o cavalo e, tomando-o pelas rédeas, colocou de frente para o sol. Percebera que a razão da agitação do animal era ver sua própria sombra movimentando-se a sua frente. Uma vez tranquilizado o cavalo, o jovem montou o animal, soltou suas rédeas e ordenou que corresse. Filipe, após presenciar a astúcia e a coragem do filho, teria lhe dito: “Meu filho, arranja um reino à tua medida. A Macedônia é pequena demais para ti”¹³⁵.

Serra entende que é na idade adulta que a “magnanimidade” de Alexandre se consolida, através de atos de gentileza, coragem e generosidade, além da insaciável sede de glória do macedônio¹³⁶. O desejo pela glória, no entanto, também é enfatizado desde o começo da vida de Alexandre.

De acordo com Plutarco, desde jovem, Alexandre preocupava-se que seu pai conseguiria tantas vitórias que não lhe restaria nada para conquistar por mérito próprio. Desabafava aos colegas: “Amigos, o meu pai vai antecipar-se em tudo, sem deixar para mim uma só proeza de relevo, que eu possa alcançar com a vossa colaboração”. O biógrafo também relata que Alexandre preferia herdar um reino que

¹³³ Plut. *Alex.*, 5.

¹³⁴ Plutarco nos diz que o animal havia sido trazido por Filonico da Tessália, região conhecida por ter a melhor produção de cavalos da Hélade.

¹³⁵ Plut. *Alex.*, 6.

¹³⁶ SERRA, J. P., 2002, p. 97.

lhe trouxesse conflitos, guerras e glórias, em detrimento de um que lhe desse luxo, conforto e dinheiro, mas que não tivesse sido conquistado por seu próprio esforço¹³⁷.

Não haveriam de faltar, no entanto, oportunidades para que Alexandre demonstrasse seu próprio valor e se fizesse digno de glória. Ainda sob o reinado de seu pai, aos dezesseis anos, subjuguou uma rebelião dos medos¹³⁸ no nordeste da Macedônia, enquanto o rei estava em expedição. Segundo Plutarco, o jovem expulsou da região os bárbaros e lá fundou uma cidade de nome Alexandrópolis. Além disso, viria a tomar parte, ao lado de seu pai, no comando militar da batalha de Queroneia. Na ocasião, os macedônios derrotaram os tebanos e atenienses, estabelecendo ocupação nas cidades gregas¹³⁹.

A estrutura narrativa de Plutarco faz com que seu leitor observe Alexandre como um exemplo de atitudes a se emular e a se evitar. Serra entende que tal argumentação se dirige à inteligência de seu leitor, que, tendo em mente os valores civilizatórios helênicos, deve moldar seus pensamentos e ações¹⁴⁰.

O retrato que o biógrafo pinta de Alexandre confere ao rei um início de vida excepcional e magnífico, com realizações notáveis desde a idade mais tenra. O macedônio teria recebido, então, todos os privilégios necessários para atingir valores morais elevados, bem como para conseguir uma boa performance dos valores helênicos (gentileza, autocontrole, decência, benevolência).

Acreditamos que o maior exemplo que o biógrafo fornece das virtudes de Alexandre se dá logo após a narrativa da batalha de Isso¹⁴¹. Ao se preparar para um banquete, o rei recebe a notícia de que seus homens haviam encontrado entre os cativos de guerra as mulheres da realeza persa. A mãe, duas filhas e a esposa de Dario – esta última, de nome Estatira, estava grávida. Segundo Plutarco, elas

¹³⁷ Plut. *Alex.*, 5.

¹³⁸ Tribo bárbara vizinha à Macedônia.

¹³⁹ Plut., *Alex.*, 9.

¹⁴⁰ SERRA, J. P., 2002, p. 94-5.

¹⁴¹ Plut., *Alex.*, 20. O confronto de Isso, em 333, foi o único encontro entre Alexandre e o rei persa Dario, de quem o macedônio almejava o trono, em batalha. Dario fugiu do local ao perceber que sua derrota era inevitável. O persa seria morto posteriormente, vítima de uma traição de seu próprio exército.

choravam copiosamente, por acreditarem que o chefe da dinastia Aquemênida havia perecido em batalha contra o rei macedônio¹⁴².

Preocupado com o sofrimento das mulheres, Alexandre mandou dizer-lhes que Dario não estava morto, e que não tinha motivo para temer o macedônio. Sua guerra era com o rei persa, mas, quanto a elas, receberiam dos macedônios tudo aquilo que tinham direito quando Dario era rei. Plutarco segue:

E se já esta mensagem pareceu às mulheres gentil e reconfortante, o que dizer então das atitudes de Alexandre que se revelaram de uma enorme humanidade¹⁴³. Permitiu-lhes dar sepultura a todos os Persas que entendessem, servindo-se para o efeito das roupas e acessórios do saque, e não lhes reduziu na criadagem nem nas regalias que tinham; bem pelo contrário, passaram até a dispor de um orçamento maior do que o anterior. Mas a cortesia suprema e mais digna de um rei que prestou a estas damas, nobres e sérias mas agora cativas, foi que nunca ouviram, nem tiveram razão para suspeitar ou temer a mais pequena ofensa; passaram a viver não como quem está num acampamento inimigo, mas como quem se encontra sob a proteção de um templo sagrado e inviolável, num retiro de donzelas, longe dos comentários e dos olhares masculinos¹⁴⁴.

Um tempo mais tarde, o rei persa teria enviado um pedido de resgate pelas cativas da família, que Alexandre prontamente recusou, dizendo ao inimigo que, se Dario fosse até ele, para se render, receberia tudo que pede com a maior cortesia. De contrário, Alexandre marcharia a seu encontro¹⁴⁵.

Plutarco diz que o rei logo se arrependeu da resposta atravessada, pois Estatira veio a falecer durante o parto. O rei, abalado por perder uma oportunidade de

¹⁴² Plut., *Alex.*, 21.

¹⁴³ No original, o termo utilizado é φιλόανθρωπα, *philantropa*. A edição da Loeb Classical Library traduz o termo para o inglês como “*humane*”, com o que nossa edição lusófona parece concordar. A edição da Penguin Classics, por outro lado, traduz como “*generous*”.

¹⁴⁴ Plut., *Alex.*, 21.

¹⁴⁵ *Ibid.*, 29.

demonstrar sua generosidade, realizou um funeral para a antiga rainha, sem economizar nas honras¹⁴⁶.

O que se segue ao funeral é uma longa anedota na qual Tireu, um dos eunucos de serviço capturados com a família de Dario, foge do acampamento macedônio para contar ao rei persa que sua esposa havia falecido:

escapou-se do acampamento, cavalgou até ao sítio onde Dario se encontrava e deu-lhe a notícia da morte da mulher. Por entre golpes na cabeça e gritos de lamento, Dario bradou: 'Que destino o dos Persas! Não bastou que a esposa e irmã do seu rei sofresse o cativo em vida, mas também na morte se viu privada de uma sepultura régia'. Ao que o camareiro respondeu: 'Não, meu senhor, nada disso! No que respeita à sepultura, e a receber todas as honras que lhe eram devidas, não tens razão de queixa quanto ao mau destino dos Persas. Porque nem a minha senhora Estatira em vida, nem a tua mãe e filhos, perderam qualquer das regalias anteriores a não ser verem o resplendor da tua luz [...]; como também na morte se não viu privada de qualquer homenagem; pelo contrário, foi homenageada com as lágrimas dos inimigos. É que Alexandre é tão gentil depois da vitória, quanto terrível no campo de batalha'.

Ao ouvir tal relato, Plutarco conta que o rei persa se viu perturbado e “mordido por suspeitas absurdas” de que Alexandre teria tomado Estatira por consorte, e que esta seria a real razão por trás das honras fúnebres prestadas à rainha. O rei, então, chamou Tireu num canto da tenda, para pedir-lhe que jurasse que falava a verdade:

Ainda ele não tinha acabado de falar e já Tireu se lhe prostrava aos pés a suplicar que não dissesse impropérios, nem insultasse Alexandre, nem ofendesse a memória da sua irmã e mulher, nem se privasse a si próprio da maior consolação entre tanta infelicidade: a de estar certo de ter sido vencido por um homem superior ao comum dos mortais; devia, isso sim, admirar Alexandre por ter revelado, pelas mulheres persas, um respeito maior ainda do que a coragem de que deu mostras face aos homens da Pérsia.

Segundo o biógrafo, antes que o eunuco pudesse terminar seu discurso a respeito do autocontrole, generosidade e respeito de Alexandre para com as persas, Dario já se encontrava de mãos erguidas ao céu, suplicando aos deuses que, se fosse a sua

¹⁴⁶ Plut., *Alex.*, 30.

vontade que se findasse o reino dos persas, “que nenhum outro homem se sente no trono de Ciro¹⁴⁷ a não ser Alexandre”¹⁴⁸.

Mais tarde, momentos antes de sua morte¹⁴⁹, Dario pediria a um soldado macedônio que desse a Alexandre um aperto de mão, em agradecimento à toda a bondade e generosidade que o rei macedônio havia demonstrado à sua família. Alexandre, ao encontrar o corpo do persa, o teria coberto com o seu próprio manto. Depois de preparar os restos de Dario de acordo com a tradição real, os enviou à mãe do persa¹⁵⁰.

As atitudes de Alexandre em relação à família de seu inimigo ressaltam bem sua gentileza, decência e benevolência. Estas qualidades são destacadas também antes do início da expedição de Alexandre a Ásia. Plutarco conta que Alexandre não dispunha de muitos recursos antes da campanha, mas que, ainda assim, fez questão de se informar a respeito das condições econômicas de seus Companheiros¹⁵¹, e de garantir que estes estariam segurados:

[...] a um deu um campo, a outro uma povoação, a outro os rendimentos de uma propriedade ou de um porto. Já os bens da coroa tinham sido praticamente todos gastos ou distribuídos, Perdicas disse-lhe: ‘E para ti, senhor, o que deixaste?’ Perante a resposta do rei – ‘As minhas esperanças’ -, Perdicas concluiu: ‘Pois essas são também para partilhar entre todos nós, os que te seguimos’. Então Perdicas recusou as propriedades que lhe tinham sido atribuídas, e mais uns tantos amigos fizeram o mesmo. Mas, a todos aqueles que as aceitavam ou pediam, Alexandre cedeu-as prontamente, de modo que boa parte do património da coroa macedónia foi gasta nestas distribuições¹⁵².

Estes exemplos estão longe de serem os únicos da boa vontade e generosidade aparentemente infinitas do rei macedônio. Tais adjetivos são alguns dos mais

¹⁴⁷ Ciro II, o Grande, foi o fundador da dinastia Aquemênida.

¹⁴⁸ Plut., *Alex.*, 30.

¹⁴⁹ Dario seria vítima de uma conspiração dos persas, vindo a acabar morto.

¹⁵⁰ Plut., *Alex.*, 43.

¹⁵¹ Círculo de homens mais próximos do rei, a quem, geralmente, eram confiados cargos de chefia. Deste grupo, destacamos Parmênion, homem de confiança de Filipe II e pai de outro Companheiro, Filotas. Ambos foram mortos por ordem de Alexandre, acusados de traição; Heféstion, um dos homens mais próximos do rei, por quem Alexandre mandou cometer atrocidades após sua morte; Clito, o Negro, que salvou Alexandre da morte em batalha e, posteriormente, foi morto pelo rei; e Ptolomeu, que, após a morte do rei macedônio, estabeleceu no Egito a dinastia ptolemaica. Escreveu um relato sobre a carreira de Alexandre, do qual Plutarco se vale de fonte.

¹⁵² Plut. *Alex.*, 14.

ênfatisados por Plutarco como parte do espectro positivo de Alexandre. O rei teria, por exemplo, enviado quase todo o butim da batalha no Rio Granico, para sua mãe, ficando com pouquíssimo para si¹⁵³. Em momento posterior, chega a dar parte de seu ouro a um soldado que o carregava, cansado. Alexandre o teria exortado a continuar carregando o pesado fardo, pois agora este o pertencia¹⁵⁴.

O autocontrole de Alexandre também é destacado pelo biógrafo desde sua infância. Plutarco conta que, quando jovem, não cedia com facilidade aos prazeres sensoriais, e que, quando o fazia, era sempre de forma moderada¹⁵⁵. Esta natureza comedida se reflete, também, na situação com as mulheres da realeza persa:

E, no entanto, é voz corrente que a esposa de Dario era, naquele tempo, a mais elegante das rainhas, do mesmo modo que o próprio Dario era, como homem, um sujeito muito esbelto e alto; e que as filhas se pareciam com os pais. Alexandre, porém, convicto de que o autodomínio é, num rei, uma qualidade superior à capacidade de vencer os inimigos, nunca tocou em nenhuma delas [...] limitou-se a dizer, em ar de graça, que as mulheres persas eram um sofrimento para os olhos. E numa espécie de concorrência entre a formosura que tinham e a beleza do seu próprio caráter, sóbrio e sensato, cruzava com elas como se fossem meras estátuas sem vida¹⁵⁶.

Em outras duas ocasiões, em que o comandante Filóxeno e um outro sujeito, Hágnon, ofereceram ao rei rapazes de beleza notável, Alexandre reprimiu ambos veementemente, além de ter ficado profundamente ofendido com as propostas, já que acreditava que as relações sexuais o aproximavam da mortalidade, e que a necessidade do prazer provinha de uma debilidade natural¹⁵⁷.

Quando soube que os soldados de Parmênion haviam seduzido mulheres de mercenários bárbaros, o rei ordenou que o Companheiro os condenasse à morte, caso fosse comprovada a ofensa. Alexandre teria usado a si como referência para justificar

¹⁵³ Plut., *Alex.*, 16.

¹⁵⁴ *Ibid.*, 39.

¹⁵⁵ *Ibid.*, 4.

¹⁵⁶ *Ibid.*, 21

¹⁵⁷ Plut., *Alex.*, 22.

a pena dos soldados, dizendo que ele mesmo não havia posto os olhos na mulher de Dario, nem desejado fazê-lo¹⁵⁸.

Mais tarde, ao descobrir que Dario havia sido traído e capturado por Besso, sátrapa¹⁵⁹ da Bácia, Alexandre dá mais uma demonstração de sua generosidade, enviando para casa parte de suas tropas, com uma gratificação de dois mil talentos além de seu salário usual¹⁶⁰. Besso viria a proclamar-se rei da Pérsia, sob o nome de Artaxerxes¹⁶¹, passando então a ser o alvo da campanha de Alexandre.

Na perseguição ao novo monarca da Pérsia, Plutarco nos apresenta outra anedota sobre o autocontrole de Alexandre. O rei e seus homens encontravam-se exaustos, quando alguns macedônios trouxeram ao rei elmos cheios d'água do rio odres e o ofereceram. Alexandre, no entanto, se recusou a beber, dizendo que, se o fizesse, sozinho, acabaria com a moral de seus soldados¹⁶².

Plutarco dá ainda mais um exemplo da elevada moral de Alexandre, que teria vingado Dario:

Quando, mais tarde, descobriu Besso, esquartejou-o. Dobraram-se duas árvores esguias em direção uma à outra e prendeu-se a cada uma uma parte do corpo. Quando as soltaram e elas regressaram, com força, à posição inicial, a parte do corpo respectiva foi atrás¹⁶³.

A vingança que toma em nome de Dario evidencia que, para Alexandre, honra, respeito e lealdade estariam acima de vitórias e conquistas pessoais.

Com isso, acreditamos tornar evidente que Plutarco entendia Alexandre como uma figura admirável, que se aproximava daquilo que seria esperado de um bom

¹⁵⁸ Plut., *Alex.*, 22.

¹⁵⁹ A satrapia era um sistema de administração territorial da dinastia Aquemênida, no qual o rei designava um homem de sua confiança para o cargo de sátrapa. Era dever do sátrapa garantir a ordem e a segurança na terra para a qual foi designado a guardar. Alexandre manteve este sistema após sua conquista, por vezes nomeando homens de sua confiança para o cargo. Ver: LIVERANI, Mario. **Antigo oriente: história, sociedade e economia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 747.

¹⁶⁰ Plut., *Alex.*, 42.

¹⁶¹ SILVA, M. F.; BRANDÃO, J. L., 2019, p. 151, nota 194.

¹⁶² Plut., *Alex.*, 42.

¹⁶³ *Ibid.*, 43.

grego. No entanto, conforme o macedônio invade a Ásia, a biografia passa a relatar declínio moral do rei.

O casamento entre Alexandre e os bárbaros

Após a morte de Dario é que se acentua o tom de reprovação de Plutarco em relação a Alexandre e sua adoção de costumes bárbaros. É verdade, no entanto, que em momentos anteriores, o rei já demonstrava ter atitudes que, por vezes, fugiam ao espectro de virtudes morais que Plutarco prezava. O que passa a ser, cada vez mais, reprovado pelo biógrafo é a adoção – principalmente, mas não só – dos luxos persas, que os helenos julgavam ser característicos de bárbaros¹⁶⁴.

Segundo Thiago do Amaral Biazotto, o discurso de Plutarco a respeito de Alexandre e dos macedônios corrobora uma ideia de alteridade dos gregos, na qual os bárbaros seriam definidos “pelo luxo excessivo, pelo ímpeto faustoso, pela suntuosidade marcante¹⁶⁵”, sendo os persas a representação mais precisa dos traços bárbaros¹⁶⁶.

De acordo com François Hartog, na ótica dos helenos, os bárbaros seriam, em essência, os persas¹⁶⁷, sendo um termo sinônimo absoluto do outro. Pensar desta forma a relação entre gregos e bárbaros nos explica a razão pela qual Plutarco não considera os romanos como bárbaros¹⁶⁸, mesmo com suas diferenças culturais e morais. Falar de bárbaros, referindo-se àqueles que não compartilham da cultura helênica, seria, na realidade, falar dos persas. Tal raciocínio explica, também, por que

¹⁶⁴ BIAZOTTO, Thiago do Amaral. **Sob o signo do Grande Rei**: a barbarização de Alexandre Magno em Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Plutarco e Arriano. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp – Campinas, 2016, p. 166.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 166.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 60.

¹⁶⁷ HARTOG, F. apud BIAZOTTO, T. A., 2016, p. 156.

¹⁶⁸ Vide *supra*, p. 31.

os macedônios não seriam categorizados como bárbaros, apesar do esforço para separá-los dos gregos¹⁶⁹.

Na narrativa plutarquiana, no entanto, os macedônios, e, eventualmente, o próprio Alexandre, passam a assimilar cada vez mais características persas, o que causa um forte estranhamento para o biógrafo queronense.

Ainda assim, Plutarco, no início de sua obra, procura escusar Alexandre da responsabilidade de seus atos, quando estes não se encaixavam nos valores morais helênicos. Ao relatar episódios de arrependimento ou compaixão que se seguem a acessos de raiva com consequências destrutivas, o biógrafo parece querer afastar Alexandre de um perfil irascível e negligente.

Tomamos como exemplo a tomada de Tebas pelos macedônios, chefiados por Alexandre. Plutarco descreve a investida militar contra a cidade grega como um ato de fúria. Uma vez saciada tal fúria, “como acontece com os leões”, o rei teria mandado suspender a festa dos mistérios que acontecia na época, em sinal de luto e respeito pelos tebanos mortos em batalha¹⁷⁰. O biógrafo relata, ainda, o remorso sentido por Alexandre pela violência empreendida contra os tebanos:

Anos passados, ao que julgamos saber, vezes sem conta sentiu remorsos pelo sofrimento infligido aos Tebanos; demonstrou, por isso, tolerância em relação a não poucos povos. [...] Não houve, desde então, um único tebano sobrevivente que lhe viesse com algum pedido que não obtivesse dele o que pretendia. É o que há a dizer sobre o caso de Tebas.

Vemos outro exemplo da perda do pensamento racional do rei quando, durante a batalha no Granico. Alexandre, “mais levado pela fúria do que pela razão”, teria avançado contra os persas de maneira imprudente, perdendo o cavalo que montava e causando aos macedônios “mais baixas e feridos do que no resto da batalha”¹⁷¹.

Embora tais ações possam facilmente desafiar os princípios de autocontrole e decência, para Plutarco, o arrependimento do rei, pelo menos no caso tebano, parece ser suficiente para comprovar que ainda era um homem de alta moral. É também interessante notar que, para Plutarco, tal tipo de violência só pressupõe justificativa e

¹⁶⁹ Vide *supra*, p. 27.

¹⁷⁰ Plut., *Alex.*, 23.

¹⁷¹ *Ibid.*, 16.

arrependimento quando empreendida contra os tebanos, também gregos. O queronense não parece se preocupar que as investidas militares na Ásia viessem a corromper a moral do rei de algum modo, tampouco fala sobre episódios de arrependimento do rei após vitórias contra cidades consideradas “bárbaras”.

Comportamento parecido pode ser visto na primeira menção de que os macedônios agiam “como bárbaros”, que acontece após a batalha de Isso. Plutarco remove Alexandre da situação, isentando-o de participação, ou incentivo, na incorporação dos luxos persas pelo seu exército¹⁷²:

Depois da batalha de Isso, enviou um contingente a Damasco e apoderou-se do dinheiro e bens dos Persas, bem como dos seus filhos e mulheres. Foi sobretudo a cavalaria tessália quem maior proveito tirou dessa apropriação. Esses eram homens que se tinham mostrado particularmente bravos na batalha; foi portanto de propósito que Alexandre os mobilizou, com a intenção de os beneficiar. Mas o resto do exército tirou também grandes proveitos. Foi essa a primeira vez que os Macedônios experimentaram o sabor do ouro, da prata, das mulheres e do luxo bárbaro; a partir de então eram como cães, mal lhes farejavam o rasto, a perseguir e a abocanhar a riqueza persa¹⁷³.

Aqui, apesar de assumir que os maiores beneficiados pelo butim de Damasco foram os tessálios, que eram gregos, Plutarco indica que somente os macedônios teriam se deixado levar pelo luxo dos persas, mesmo sem a interferência do rei. Mais à frente, o queronense relata que Alexandre percebe seus homens se deixando seduzir pelos costumes persas, pelo que os teria censurado:

Alexandre foi-se dando conta de que todos aqueles que o cercavam tinham adquirido hábitos faustosos e que se mostravam grosseiros nas extravagâncias e no tipo de vida que levavam. Assim, por exemplo, Hágnon de Teos usava pregos de prata nas botas; Leonato servia-se, para as práticas desportivas, de um pó trazido do Egito por uma quantidade enorme de camelos; Filotas tinha redes de caça com cem estádios de comprido. Quando iam para as massagens e para o banho, muitos havia que usavam mirra em vez de azeite, e se faziam acompanhar de massagistas e de serviçais. Alexandre censurava-os de um modo gentil e razoável. Estava surpreendido – afirmava ele -, se depois de tantas e tamanhas lutas, eles se não lembrassem de que aqueles que conquistam alguma coisa com esforço dormem melhor do que os que se deixam conquistar, nem viam, comparando

¹⁷² BIAZOTTO, T. A., 2016, p. 164: “[...] a passagem de Plutarco revela algumas discordâncias com relação às demais fontes analisadas até aqui. Diodoro menciona que Alexandre presenteou seus amigos da cavalaria com mantos de bordas roxas, signo da suntuosidade bárbara, ao passo que Cúrcio sublinha que estes mesmos cavaleiros foram alvo de vestes persas dadas pelo conquistador, o que, por fim, causou-lhes incômodo [...] nota-se uma peculiaridade de Plutarco, que afirma que os companheiros de Alexandre deixaram-se levar pela suntuosidade bárbara mesmo sem qualquer incentivo aparente por parte do rei macedônio [...] De certo modo, Plutarco, ao operar desta maneira, parece escudar Alexandre, eximindo-o de culpa pela reprovável conduta de seus homens.”

¹⁷³ Plut. *Alex.*, 24.

a vida dos Persas com a sua própria, que não há nada mais servil do que o luxo, enquanto o empenho é qualidade de reis. ‘Além disso, como pode alguém’ – dizia ele – ‘cuidar do próprio cavalo e manter polida a espada e o elmo, se se desabilita de usar as mãos até para cuidar do próprio corpo? Vocês não sabem’ – continuava – ‘que o objetivo da vossa vitória deve ser não imitar o que faziam os vencidos?’¹⁷⁴.

E apesar deste discurso relatado pelo biógrafo, o próprio Alexandre, não muito tempo depois, vem a imitar aqueles que derrotou em batalha:

Daí seguiu para a Pártia e foi lá que, numa altura de repouso, vestiu pela primeira vez um traje bárbaro, ou porque quisesse adaptar-se aos costumes locais, na convicção de que a comunidade de cultura e de hábitos é um fator poderoso na pacificação das sociedades; ou numa tentativa de ir habituando os Macedônios ao ritual da vénia, para pouco a pouco os ir submetendo a uma conversão e mudança de padrão de vida¹⁷⁵.

Plutarco indica, nesta passagem, que assumir as vestes bárbaras foi um modo de acostumar os macedônios ao costume da prosterneção, o hábito de curvar-se perante o rei, que Alexandre também estava importando dos persas. O biógrafo faz parecer que o rei procurava conciliar as culturas de macedônios e persas, para tornar mais fácil a governança. O relato sobre o uso da indumentária persa segue:

Primeiro só o usava nos contactos com os bárbaros ou em casa, entre amigos; mais tarde passou a apresentar-se assim diante de todos quando saía a cavalo ou dava audiências. Esta apresentação era, para os Macedônios, ofensiva; mas como lhe admiravam as outras qualidades, reconheciam que deviam fazer algumas cedências aos seus gostos e prestígio¹⁷⁶.

Para Biazotto, neste trecho, o biógrafo quer fazer parecer que a adoção destes trajes se deu por razões puramente políticas: Alexandre procurava se acostumar às tradições locais, ou queria cativar os povos recém-conquistados. O autor acredita que tal ideia é um sinal de que Plutarco quer caracterizar os persas como “o outro servil, tolo o suficiente para ser enganado pelos truques menos sofisticados de Alexandre”,

¹⁷⁴ Plut., *Alex.*, 40.

¹⁷⁵ *Ibid.*, 45.

¹⁷⁶ *Ibid.*

o que é corroborado pela total ausência de insurreição dos povos conquistados no decorrer da biografia¹⁷⁷.

O que aqui nos chama atenção é o fato de que, apesar de nos dizer anteriormente, e com exemplos detalhados, que os macedônios aderiam aos costumes persas sem grandes ressalvas, Plutarco conta que os mesmos se ofendiam com a apresentação pública de seu rei em vestes bárbaras.

Somente mais tarde é que o biógrafo vem a tratar da prosternação como motivo de incômodo para parte do exército, bem como a admissão de persas nas forças militares do rei, exemplo mais ostensivo sendo Exatres, irmão do falecido Dario, que passou a integrar o grupo dos Companheiros após a morte do antigo rei¹⁷⁸.

O biógrafo relata que, conforme adentra a Ásia, Alexandre procura cada vez mais conciliar costumes de bárbaros e macedônios:

Chegado a este ponto, ajustou mais ainda o seu estilo de vida ao padrão local, ao mesmo tempo que procurava adaptar os usos orientais aos dos Macedônios, convencido de que, na sua ausência, era mais pela fusão e pela confluência do que pela força que conseguiria uma estabilidade política baseada na harmonia. Foi também por essa razão que selecionou 30.000 rapazes e deu instruções para que aprendessem o grego e a manejar as armas macedônias, nomeando uma série de instrutores para esse projeto. Foi por amor que desposou Roxana, atraído pela beleza e juventude da moça que viu dançar num banquete; mas tal casamento veio contribuir para os mesmos objetivos; de facto, para os bárbaros este casamento foi um estímulo à aproximação [...] ¹⁷⁹.

Plutarco segue sua tentativa de relacionar a adoção de costumes bárbaros a uma possível estratégia política de Alexandre para a dominação dos povos conquistados. Até o casamento com Roxana, filha raptada de um nobre da Bácia, é descrito como um ato passional, mas com desdobramentos políticos. O biógrafo parece querer acreditar que, nestes momentos, Alexandre ainda não havia se afastado completamente da moral helênica, e que boa parte de suas ações eram apenas para agradar seus novos súditos.

Em seguida, o biógrafo narra que os dois dos homens mais próximos de Alexandre divergiam a respeito de suas mudanças de costume: Heféstion o apoiava nas

¹⁷⁷ BIAZOTTO, T. A., 2016, p. 167.

¹⁷⁸ Plut., *Alex.*, 43.

¹⁷⁹ *Ibid.*, 47.

decisões e o acompanhava nas adoções aos hábitos orientais; Crátero, por outro lado, se mantinha fiel aos costumes macedônios. Segundo Plutarco, Alexandre

[...] serviu-se do primeiro nas relações com os bárbaros, e do segundo nos contactos com os Gregos e os Macedônios. De uma forma geral mostrava mais afeto por Heféstion, mas mais admiração por Crátero, entendendo – e afirmando-o constantemente – que Heféstion era um amigo de Alexandre e Crátero um amigo do rei¹⁸⁰.

O que se segue são uma série de relatos a respeito de assassinatos cometidos a mando de Alexandre, contra homens de sua confiança e de seu convívio. É neste ponto que, apesar de ainda encontrar escusas para o comportamento de Alexandre, Plutarco afasta cada vez mais a personagem dos ideais helênicos de moral.

O primeiro dos casos foi o de Filotas, Companheiro do rei, que, ao se gabar para uma amante de que seriam ele e seu pai, Parmênion, os responsáveis pelo sucesso militar de Alexandre, acabou por desvelar uma conspiração contra o rei, da qual foi acusado de ser o mandante e terminou executado¹⁸¹.

Crátero acabou por ficar sabendo daquilo que Filotas dizia a Antígona, sua amante, e mandou que a mulher se apresentasse diante do rei. Alexandre, então, lhe disse que continuasse a se encontrar com Filotas, e que relatasse ao rei tudo que o general a dissesse sobre ele. Assim Antígona o fez, e enquanto alimentava os ouvidos do rei com motivos para que ele desconfiasse da lealdade de Filotas, Alexandre ficou sabendo de uma conspiração que se delineava contra ele¹⁸².

O conluio seria chefiado por Limno de Calestra, mas, conforme o rei ouvia o depoimento dos delatores, foi informado de que Filotas havia sido procurado por estes, que queriam marcar uma audiência com o rei. O general, por duas vezes, teria se recusado a realizar tal encontro. Isso, somado a um depoimento que dizia que Limno não havia agido sozinho, mas que era testa de ferro de alguém com real poder e influência, fez com que Alexandre desconfiasse do Companheiro. Uma vez interrogado, Alexandre concluiu que Filotas era culpado, e mandou que fosse

¹⁸⁰ Plut., *Alex.*, 47.

¹⁸¹ *Ibid.*, 48-9.

¹⁸² *Ibid.*, 49.

executado. Após a morte do general, enviou emissários para executarem, também, Parmênion, seu pai¹⁸³.

O caso imediatamente seguinte foi o assassinio de Clito, o Negro. Um dos pontos mais dramáticos de toda a biografia, o estopim de toda a situação foi a proximidade que Alexandre mantinha aos orientais. Clito, durante um jantar, não se conteve ao perceber que o rei aproveitava, na companhia de orientais, um poema de Prânico, no qual o mesmo fazia pouco de veteranos macedônios que caíram em batalha contra os bárbaros. Plutarco conta:

Aí Clito, que já estava bem bebido e que tinha, por natureza, um gênio azedo e impulsivo, sentiu-se muito agastado; e foi dizendo que não era correto, diante de bárbaros e de inimigos, insultar Macedônios, gente muito superior àqueles que os ridicularizavam, ainda que os acontecimentos lhes não tivessem sido favoráveis. Quando Alexandre se saiu a dizer que era em defesa própria que Clito chamava à covardia má sorte, este pôs-se de pé e bradou: ‘Mas foi essa minha covardia que te salvou a vida, a ti que te dizes filho de deuses, quando expuseste as costas à espada de Espitridates. Foi com sangue de Macedônios e com estas feridas que aqui vês que te tornaste quem és, a ponto de renegares Filipe e de te dizeres filho de Ámon’¹⁸⁴.

Ao que se segue, Alexandre e Clito trocam acusações, ao que o rei comenta para dois gregos: “Não vos parece que os gregos se passeiam entre os macedônios que nem semideuses no meio de feras?”, a isso, Clito diz que se o rei não pudesse admitir que seu Companheiro falasse o que pensa numa mesa de homens livres, que fosse, então, viver com os bárbaros e escravos que obedeciam a tudo o que Alexandre mandava. Aqui, novamente, Plutarco retrata a subserviência como característica dos bárbaros.

Ouvindo tais palavras de Clito, Alexandre atira-lhe uma maçã, ao que se segue, busca por sua lança, que já haviam escondido do alcance do rei. Clito, então, foi retirado do lugar, com muito esforço daqueles que procuravam apartar o conflito. No entanto, retorna ao ambiente de supetão, recitando, com desdém, o verso da *Andrômaca*: ‘Ai de mim! Que estranhos costumes os da Grécia!’¹⁸⁵.

¹⁸³ Plut., *Alex.*, 49.

¹⁸⁴ *Ibid.*, 50.

¹⁸⁵ *Andrômaca*, 693. Na peça, Peleu lamenta que o comandante Menelau seja venerado pelas vitórias militares, das quais seu exército seria o verdadeiro responsável. Clito insinua que Alexandre faz o

Para Alexandre, tal fala foi o suficiente para que agarrasse a espada de um de seus guardas e atacasse Clito, levando-o a óbito. Segundo Plutarco, o rei teria compartilhado do mesmo destino, não fosse a rapidez dos amigos em tirar-lhe a espada¹⁸⁶.

Aqui, embora não procure dar razão ao comportamento de Clito, Plutarco também não o recrimina. O biógrafo descreve a situação como sendo resultado do mau gênio do Companheiro, além de atribuir à Fortuna a culpa de sua morte, tendo relatado, logo antes do incidente, maus presságios em relação a Clito¹⁸⁷.

Outra justificativa dada para o assassinato é o consumo do vinho. Plutarco afirma que o acontecimento pode ter sido uma punição de Dionísio pela destruição de Tebas¹⁸⁸. Além disso, o consumo excessivo de álcool e a perda da razão decorrente do mesmo são atos atribuídos aos bárbaros¹⁸⁹, o que significa que o biógrafo pode tentar afirmar que a situação aconteceu em decorrência da aproximação de Alexandre aos orientais.

Dado isso, Plutarco parece concordar com Clito naquilo que o macedônio aponta como sendo faltas do rei. Sua atitude em relação a Anaxarco, que tira o rei da prostração após o arrependimento pelo assassinio, corrobora essa hipótese. Plutarco diz que o rei teria passado um dia inteiro chorando em sua tenda, até que os amigos forçaram a entrada, acompanhados de Calístenes de Olinto e Anaxarco de Abdera. Este primeiro era historiador, filósofo e primo de Aristóteles. O segundo, filósofo, e discípulo de Demócrito:

Calístenes tentou, com gentileza e brandura, aliviá-lo da preocupação, através de eufemismos e de rodeios que lhe atenuassem a dor. Anaxarco, porém, que sempre tinha tido uma outra forma de encarar a filosofia, e que tinha fama de desprezar e de ter em pouca conta os seus parceiros de ofício, mal chegou avançou com um protesto: 'Então é este o Alexandre em quem, hoje em dia, o mundo inteiro tem os olhos postos?! Pois ei-lo prostrado, a

mesmo com os macedônios, recebendo os louros de suas vitórias e sendo louvado como grande conquistador e rei dos bárbaros, a quem oferecia cargos cada vez mais altos.

¹⁸⁶ Plut., *Alex.*, 51.

¹⁸⁷ *Ibid.*, 50. Clito é seguido por três ovelhas que haviam sido preparadas para sacrifício, o que os adivinhos sugerem ser um mau agouro. Alexandre também sonhara ter visto Clito sentado ao lado dos três filhos de Parmênion, todos mortos.

¹⁸⁸ *Ibid.*, 16. Ver *infra*, 60.

¹⁸⁹ LISSARRAGUE, François. The Athenian image of the foreigner. In: HARRISON, Thomas (Ed.). **Greeks and barbarians**. Taylor & Francis, 2002, p. 111.

lamentar-se que nem um escravo, com medo da lei e das censuras da sociedade, para quem ele devia representar a própria lei e o critério de justiça - ou não conquistou ele o direito de dominar e de governar -, em vez de se submeter, como um criado, ao peso de opiniões sem senso?' [...] Com argumentos deste tipo, Anaxarco aliviou o sofrimento do rei, mas tornou-lhe o caráter, sob muitos aspetos, mais convencido e autoritário. Ganhou-lhe também a simpatia incondicional, enquanto a relação de Alexandre com Calístenes, que a austeridade do filósofo sempre tinha tornado pouco cordial, azedou.

O reflexo do caráter mais “convencido e autoritário” que Alexandre teria adquirido após o assassinio de Clito parece ser o foco da descrição de Plutarco nos parágrafos seguintes da obra. É perceptível a postura cada vez mais severa do Alexandre plutarquiano, que, não só pelas adoções dos luxos ou pelas amizades orientais, mas também pela sua maneira de governar e liderar, se afasta cada vez mais da helenidade.

Quase que imediatamente após a morte de Clito, Plutarco nos conta que Calístenes viria a ser outra vítima dos desmandos do rei: por se recusar a prostrar-se e ser publicamente contra a adoção de costumes orientais pelo rei e os macedônios – aqui, Plutarco parece escusar os gregos de aderir à prostração –, o historiador acaba sendo acusado de traição. Segundo Plutarco, o primo de Aristóteles já não seria muito benquisto por parte da campanha de Alexandre:

a verdade é que por vezes certas atitudes que [Calístenes] tomava davam azo aos seus detratores; recusava a maior parte dos convites, ou, quando aceitava participar em reuniões, mantinha um silêncio distante que dava a entender que desaprovava ou não gostava da companhia; a ponto que até Alexandre comentou: ‘Detesto um sábio que até para si próprio demonstra falta de sabedoria’¹⁹⁰.

Por este e outros motivos mais pontuais, como o discurso carregado de ressentimento¹⁹¹ que fazia dos macedônios, é que Alexandre não hesitou em associá-lo à Conspiração dos Pagens, liderada por Hermolau, de quem Calístenes foi mentor:

Foi também por este motivo que, quando a conspiração de Hermolau e dos seus cúmplices contra Alexandre foi descoberta, se teve a ideia de que as acusações dos detratores de Calístenes tinham razão de ser. Comentou-se, por exemplo, que à pergunta de Hermolau sobre como poderia alguém tornar-se no mais ilustre dos homens, Calístenes teria respondido: ‘Linchando o mais ilustre dos homens’. E que teria incentivado Hermolau a agir sem recear o leito de ouro, com o único pensamento de que investia contra um sujeito

¹⁹⁰ Plut., *Alex.*, 53.

¹⁹¹ Olinto, cidade-natal de Calístenes havia sido destruída por Filipe II. O historiador prestava serviços a Alexandre na esperança de conseguir que fosse reconstruída.

vulnerável à doença e aos ferimentos como qualquer outro. E, no entanto, não houve um só cúmplice de Hermolau que, mesmo sob a maior pressão, denunciasse Calístenes¹⁹².

Plutarco diz, ainda, que o próprio Alexandre não fazia menção, em suas cartas pessoais, de que Calístenes estaria envolvido na conspiração, mas diz que o filósofo seria julgado por ele mesmo e por Aristóteles. Quanto a morte de Calístenes, Plutarco dá um desfecho incerto:

Quanto à morte de Calístenes, há quem diga que Alexandre o mandou enforcar; outros que foi posto a ferros e morreu de doença; Cares, por sua vez, relata que ele foi capturado, ficou preso durante sete meses, até ser julgado perante o conselho, na presença de Aristóteles; e que, na altura em que Alexandre foi ferido na Índia, ele morreu de obesidade e mordido por percevejos¹⁹³.

O que fica claro com as anedotas que Plutarco conta sobre Calístenes e como suas fortes opiniões o levaram à uma morte prematura, é como Alexandre se mostra impaciente e mesmo imprudente, ao acusar e condenar o historiador sem mesmo que houvesse provas.

Comportamento similar é descrito quando Plutarco fala de Companheiros que se não cumprem as ordens do rei: Menandro, ordenado a ficar no comando de um batalhão, recusou-se a obedecer, e, por isso, foi condenado à morte. Orsodates, um bárbaro que teria se revoltado, foi morto pelas mãos do próprio rei. Plutarco diz que, por atitudes impiedosas como essas é que Alexandre passou a ser temido por todos¹⁹⁴.

A partir disso, fica nítido o quanto Alexandre estava distante da Hélade, não só fisicamente, mas também em suas atitudes. Ao chegar na Índia, Plutarco dá ainda mais exemplos de que o temperamento do rei havia mudado. O primeiro:

Os melhores combatentes, do lado indiano, eram mercenários e costumavam andar de cidade em cidade a defendê-las ferozmente. A Alexandre causaram problemas terríveis. Um belo dia, depois de ter firmado com eles um pacto, numa qualquer cidade, e de os ter deixado partir, Alexandre pelo caminho atacou-os e acabou com eles. Esta foi uma espécie de nódoa na sua carreira

¹⁹² Plut., *Alex.*, 55.

¹⁹³ *Ibid.*

¹⁹⁴ *Ibid.*, 57.

militar, porque em geral comportou-se sempre dentro dos princípios da guerra e com uma dignidade régia¹⁹⁵.

De fato, Plutarco relata que, na noite anterior à batalha de Gaugamela, muitos dos homens de Alexandre, assustados com os números do exército de Dario, incitaram o rei a atacar naquele momento, no meio da noite, com o inimigo desprevenido, visto que seria muito difícil combater um exército tão grande à luz do dia. Alexandre teria respondido, então: “Não pretendo roubar a vitória”¹⁹⁶ – comportamento muito diferente do mostrado na anedota da Índia.

No mesmo parágrafo, Plutarco ainda fala da atitude do rei com os brâmanes da Índia, a quem se refere por filósofos. Por recriminarem os reis e povos livres que escolhiam aderir à causa de Alexandre¹⁹⁷, o macedônio condenou muitos à morte pela força¹⁹⁸.

Fica nítido, então, que a partir da morte de Dario, Plutarco refere-se a Alexandre em um tom cada vez mais próximo de um lamento. O rei se afasta cada vez mais da educação que teria recebido de Aristóteles, partindo cada vez mais para um perfil severo e autoritário.

Plutarco, como vimos, atribui parte da culpa ao filósofo Anaxarco, que teria incentivado o rei a agir conforme a própria vontade, uma vez que teria “conquistado” o direito de moldar a lei à sua vontade. Outros acontecimentos que o biógrafo aborda ao redor do afastamento do rei de uma performance da helenidade são aqueles episódios em que o rei demonstra, cada vez mais, aproximar-se dos asiáticos.

A narrativa do biógrafo nos leva a crer que, embora possa ter começado a aderir os costumes bárbaros e se aproximar dos orientais por razões meramente políticas, à altura de seu casamento com Roxana, o rei já era capaz de sentir por eles afeto, já

¹⁹⁵ Plut., *Alex.*, 59.

¹⁹⁶ *Ibid.*, 31.

¹⁹⁷ Na Índia, nem sempre Alexandre encontrou oposição em seus avanços. Plutarco (*Alex.*, 59) conta que o governador da Taxila, por exemplo, ofereceu ao rei livre passagem e que ambos trocaram favores e presentes.

¹⁹⁸ Plut., *Alex.*, 59.

que teria se casado por amor. Alexandre dava sinais de ter os orientais em alta estima, já que admitiu até mesmo Exatres, irmão do falecido Dario, entre seus Companheiros.

Sobre o incidente com Clito, Biazotto defende, ainda que

Se Plutarco, de fato, redigia seus textos – e ministrava suas palestras – com o intuito de ensinar bons modos a seus leitores e ouvintes a partir de exemplos do passado, ao desentender-se com Clito, Alexandre mostra não ter aprendido com as passagens de sua juventude. Se quando moço o macedônio não apenas protagonizou alteração semelhante àquela que teria com seu general, como viu o vexame de seu pai durante a mesma contenda, ele desfrutou de duas oportunidades para assenhorear-se de exemplos que não deveria repetir. Ao discutir e atacar Clito, Alexandre teria cometido a mais imperdoável das faltas: mostrar-se incapaz de instruir-se com os acontecimentos pretéritos¹⁹⁹.

De fato, Alexandre não só presenciou, como protagonizou o vexame de Filipe, que, durante seu casamento com Cleópatra²⁰⁰, envolveu-se em discussão acalorada com o filho, que o pai da noiva teria acusado de ser bastardo. Segundo Plutarco, Filipe teria avançado contra o filho de espada em punho, mas, sob efeito do vinho, escorregou e caiu no chão, ao que Alexandre teria dito: “É este o homem, meus senhores, que se preparava para atravessar da Europa para a Ásia, o mesmo que tropeça apenas para passar de um leito para outro”²⁰¹.

Assim, o que entendemos com a narrativa do queronense é que, talvez por não ser de fato um grego, mas, um macedônio helenizado, Alexandre não foi capaz de resistir aos luxos dos orientais e, na sua tentativa de fazer um bom governo para todos os povos sob seu estandarte, acabou negligenciando sua raiz macedônia e sua educação grega, tornando-se “bárbaro” aos olhos do biógrafo.

A raiz que Plutarco encontra para a vulnerabilidade de Alexandre diante das tentações dos orientais, como acreditamos e discutiremos a seguir, pode ser encontrada na mãe do rei, Olímpia, que Plutarco descreve desde o princípio da obra como tendo hábitos “quase bárbaros”²⁰².

¹⁹⁹ BIAZOTTO, T. A., 2016, p. 172.

²⁰⁰ Filipe II era polígamo, e casou-se, no total, sete vezes. Ver: SILVA, M. F.; BRANDÃO, J. L., 2019, p. 65, nota 45.

²⁰¹ Plut., *Alex.*, 9.

²⁰² *Ibid.*, 2.

Capítulo III:

Olímpia e as justificativas para o declínio de Alexandre

O foco principal deste capítulo será a análise da personagem de Olímpia que Plutarco constrói no início da *Vida de Alexandre*, antes do início da expedição do rei para a Ásia. Olímpia é a primeira personagem a ser aproximada dos bárbaros pelo biógrafo, e, no decorrer da trama, tenta influenciar o filho de diversas formas.

Plutarco constrói Alexandre de forma que parece bastante protetor em relação à mãe, mas não a ponto de levar em consideração tudo aquilo que Olímpia sugeria. Acreditamos que, por seus atos reprováveis, pelas tentativas de influenciar Alexandre e pelo laço familiar que compartilhavam, Plutarco sugere que Olímpia seria a razão pela qual Alexandre não foi capaz de manter-se no caminho da moral helênica.

Olímpia e a historiografia sobre a Macedônia: breve introdução

Muito embora não seja o tema de nossa análise, julgamos necessário introduzir, brevemente, a recepção de Olímpia na historiografia. De acordo com Elizabeth Carney as atitudes da rainha-mãe vêm sendo retratadas por acadêmicos de modo enviesado, por vezes repetindo preceitos dos antigos, encontrados nas fontes, e por outras atribuindo a Olímpia adjetivos que nem mesmo encontramos nos registros que nos chegaram²⁰³.

A autora explica, ainda, que as descrições de Olímpia vêm, historicamente, se encaixando no conceito de “virago”. O termo latino, na antiguidade, funcionava como elogio a mulheres que apresentavam virtudes como as dos homens. Segundo Carney, o uso na língua inglesa moderna foi o mesmo. No entanto, mais recentemente, tornou-se sinônimo de uma mulher dominante e violenta. Para Carney, Olímpia teria se encaixado no termo tanto em seu uso latino quanto se encaixa no uso corrente na língua inglesa, devido à maneira como é descrita pelas fontes e pelo tratamento que vem recebendo da historiografia²⁰⁴.

Carney cita Nicholas G. L. Hammond, Peter Green e Robert M. Errington como exemplos de autores que retratam Olímpia de forma enviesada e nem sempre com apoio das fontes para a descrição que fazem de seu caráter ou temperamento. Hammond, por exemplo, chamando Olímpia de “passional e amargurada”, atribui a

²⁰³ CARNEY, Elizabeth D. Olympias and the Image of the Virago. *Phoenix*, v. 47, n. 1, p. 29-55, 1993, p. 30

²⁰⁴ *Ibid.*

ela a culpa pelo fim da dinastia Argéada após a morte de Alexandre III. Além disso, busca as razões para a guerra civil que estouraria na Macedônia na rivalidade entre Olímpia e Eurídice II, filha de outro casamento de Filipe²⁰⁵.

Os autores concordam que as razões para o retorno de Olímpia à Macedônia após a morte de seu filho foram motivadas por vingança pessoal. Carney por outro lado, aponta que era comum na monarquia macedônica que, após a morte do rei, os diferentes ramos da família real se dividissem em facções em brigassem pelo trono, até que um tivesse eliminado completamente os outros. Olímpia, ao retornar a Macedônia para articular que Alexandre IV, seu neto e filho de Roxana, assumisse o trono, estaria então motivada por razões políticas ao invés de um rancor pessoal²⁰⁶.

Carney acredita que parte da atitude dos acadêmicos modernos em relação à Olímpia se justificaria pelas fontes, uma vez que todos os registros restantes a respeito da dinastia Argéada são do período do Império Romano, e alguns deles, como a própria *Vida de Alexandre*, produzidos por gregos. A autora explica que os próprios romanos não tinham grande estima pelo feminino, mas, os gregos, em especial, não toleravam a interferência de mulheres na esfera política²⁰⁷.

Para Carney, é este o maior estranhamento causado aos gregos pela monarquia macedônica: as mulheres causavam grandes interferências nos assuntos políticos, ao que o próprio Plutarco se refere, quando trata da poligamia de Filipe, dizendo que o rei contaminava o reino “do mesmo clima que grassava nos apartamentos das mulheres”²⁰⁸, referindo-se às intrigas e problemas domésticos que os vários casamentos de Filipe supostamente causavam²⁰⁹.

Carney nota, ainda, que referir-se a problemas femininos usando termos como “doméstico” ou “apartamentos”, reflete a crença dos gregos de que a esfera pública

²⁰⁵ HAMMOND, Nicholas Geoffrey Lemprière; GRIFFITH, Guy Thompson; WALBANK, Frank William. **A History of Macedonia 336-167 BC**. Oxford University Press, 1972, p. 140-2.

²⁰⁶ CARNEY, E., 1992, p. 32, nota 7.

²⁰⁷ *Ibid.*, p. 30-1.

²⁰⁸ Plut., *Alex.*, 9

²⁰⁹ CARNEY, E., 1992, p. 33.

pertencia aos homens, enquanto ao feminino eram delegadas questões referentes à casa e ao lar, sendo até mal visto que mulheres se expusessem à rua²¹⁰.

Karin Bloqvist, por outro lado, realiza uma análise mais específica da presença feminina nas biografias plutarquianas. A autora sugere que, para compreender as opiniões que o biógrafo teria a respeito do feminino, é necessário estudar as mensagens implícitas que aparecem em suas descrições de mulheres. Além disso, precisamos considerar que as histórias de Plutarco, fictícias ou baseadas em fatos históricos, são criações de sua própria mente, e, portanto, suas personagens seguem os propósitos morais ou literários de suas obras²¹¹.

Blomqvist afirma, também, que por mais que não pudesse transformar a realidade histórica para se conformar com os propósitos de suas obras, o autor poderia moldar suas personagens para que se encaixassem em seus objetivos²¹².

Com isso em mente, Blomqvist sugere que há dois tipos de mulheres na narrativa plutarquiana: as ativas e as passivas. A autora explica que, para Plutarco, a mulher ideal deveria ser inativa e subordinada o tempo inteiro, e, assim, todas os seres femininos, até mesmo divindades, seriam inferiores aos seres masculinos. As mulheres que não se encaixavam neste espectro passivo são as que Blomqvist entende como ativas.

As mulheres ativas, no entanto, geram reações diferentes em Plutarco, e Blomqvist as divide em mulheres dominantes e mulheres alentadoras²¹³. Assim, as mulheres ativas poderiam ser dominantes, ou seja: tentariam manipular os homens para que agissem de acordo com suas vontades pessoais, enquanto as alentadoras seriam as que procuravam apoiar os homens a atingir seus próprios objetivos.

A autora entende que a Olímpia de Plutarco pertence ao primeiro grupo, uma vez que o biógrafo a retrata como sendo “irascível, manipuladora, viciada em bacanis extáticos”, além de sublinhar seu temperamento violento e plano de fundo “quase não-

²¹⁰ CARNEY, E., 1992, p. 33.

²¹¹ BLOMQVIST, Karin. From Olympias to Aretaphila: Women in Politics in Plutarch. In: MOSSMANN, Judith. **Plutarch and his Intellectual World.**, 1997, p. 85.

²¹² *Ibid.*

²¹³ *Ibid.*, p. 86-7: “Dominant women and supportive women”.

grego”²¹⁴. É seguindo tal perspectiva historiográfica que analisaremos a construção de Olímpia empreendida por Plutarco.

A Olímpia de Plutarco: a construção grega de uma rainha macedônica

Olímpia não é uma das figuras mais proeminentes na biografia de Alexandre. Plutarco, claro, procurava biografar o rei, não sua mãe, além de não ter composto nenhuma biografia sobre personagens femininas. Em sua obra, as mulheres, quando aparecem, geralmente ocupam o lugar de coadjuvantes. Ainda assim, acreditamos ser possível traçar, a partir das poucas aparições da rainha-mãe na biografia, que tipo de caráter o biógrafo tentou construir para a personagem.

Apesar de poucas, as ocasiões em que Olímpia surge na narrativa são ricas em detalhes. Plutarco nos diz muito sobre sua origem e seus hábitos, o que não se repete quando o biógrafo fala de outras personagens, como, por exemplo, Filipe II, Crátero ou Heféstion, considerando-se que sabemos – pelo próprio Plutarco –, que eram os Companheiros mais próximos do rei. Ainda assim, o queronense não dedica linhas a falar de seus hábitos, suas origens familiares ou suas crenças. O que o biógrafo nos diz é que ambos tinham desavenças que podiam culminar em altercações físicas, e que tal animosidade tinha como raiz a atenção que recebiam de Alexandre.

A ausência de Heféstion na obra de Plutarco é digna de nota, uma vez que o Companheiro é citado por Arriano e outras fontes como sendo amante de Alexandre²¹⁵. Plutarco, por sua vez, apesar de afirmar que Heféstion era um dos homens mais próximos do rei, nos diz pouquíssimo sobre sua participação nas campanhas, ou seu lugar na vida pessoal de Alexandre. Acreditamos que o biógrafo omite propositalmente Heféstion para corroborar sua construção de Alexandre como

²¹⁴ BLOMQUIST, K., 1997, p. 90.

²¹⁵ REAMES-ZIMMERMAN, Jeanne. An atypical affair: Alexander the Great, Hephaistion Amyntoros and the nature of their relationship. **The Ancient History Bulletin**, v. 13, n. 3, pp. 81-90, 1999, p. 90-91. “*Arrian does, however, use the term eromenos [em uma relação homoerótica, aquele que seria penetrado] to refer to Hephaistion once in his Discourses (2.12.17-18): '...as Alexander ordered the temples of Asklepios to be burned when his eromenos died.'* [...] *There is also a late reference in Aelian (VH 12.7): 'Alexander circled the tomb of Achilles and Hephaistion that of Patroklos implying he was the eromenos of Alexander, just as Patroklos was of Achilles.'* Finally, we have a reference in Diogenes' Epistles (24) to Alexander being ruled by Hephaistion's thighs. Recalling homoerotic iconography, this is almost certainly a reference to Hephaistion as Alexander's eromenos.”

comedido em relação aos prazeres do corpo, a qual o biógrafo parece ter dificuldades em sustentar:

Alexandre, porém, convicto de que o autodomínio é, num rei, uma qualidade superior à capacidade de vencer os inimigos, nunca tocou em nenhuma delas [as mulheres da família de Dario], tal como nunca teve relações com qualquer outra mulher antes de casar, salvo com Barsine. Esta mulher, já depois de viúva por morte de Mémnon, foi capturada em Damasco. Como tinha tido uma educação de modelo grego, era uma pessoa agradável, e como o pai, Artabazo, descendia de uma filha do rei, Alexandre alimentou o desejo – instigado por Parménion, ao que diz Aristobulo – de manter uma relação com ela, que era bonita e de linhagem nobre. Mas quanto às outras cativas, embora reconhecendo que eram formosas e esbeltas, limitou-se a dizer, em ar de graça, que as mulheres persas eram um sofrimento para os olhos²¹⁶.

Da relação de Alexandre com Barsine teria nascido, ainda, um filho ilegítimo, que Plutarco não cita na biografia²¹⁷. A própria Barsine desaparece da narrativa após esta citação, a sinônimo de Heféstion, cuja presença se extingue por longos períodos na obra após suas efêmeras aparições. Caso tivesse explorado a natureza das relações de Alexandre com a nobre persa e com seu Companheiro, Plutarco podia ter de abrir mão completamente do autocontrole de sua personagem.

Por outro lado, uma personagem que recebe atenção equivalente à de Olímpia é Calístenes. O biógrafo dedica um bom tempo a falar sobre os hábitos e relações que o historiador manteve durante a campanha de Alexandre. A introdução detalhada de Calístenes, acreditamos, serve para construir uma narrativa que justifique, ou explique sua morte.

Por manter-se firme à sua helenidade, recusando-se a realizar a prostração, não demonstrar respeito com os macedônios no geral, além de publicamente falar contra o rei, acabou por tornar-se vítima de um Alexandre que, já afastado de suas raízes gregas, pouca paciência tinha para ofensas, e pouco se importava em castigar com a morte qualquer falta de seus subordinados.

De maneira similar, o prelúdio que o biógrafo fornece para Olímpia tem a razão de justificar a inclinação de Alexandre para comportamentos e costumes que Plutarco caracterizava como bárbaros. Como vimos, o queronense assinala, desde o

²¹⁶ Plut., *Alex.*, 21.

²¹⁷ SILVA, M. F.; BRANDÃO, J. L., 2019, p. 87, nota 111.

nascimento de Alexandre, que o rei estaria destinado a grandes conquistas²¹⁸. O que poucos autores parecem notar na abertura da biografia, é que seu afastamento da moral helênica parece também ser decidido nas linhas iniciais da obra, devido à proximidade de sua mãe com hábitos barbarescos.

Conforme Plutarco faz questão de frisar, Olímpia de Épiro era seguidora de Dionísio, uma divindade de origem grega, mas que podia ser vinculada a culturas bárbaras²¹⁹. Não só Olímpia era devota do deus, como Plutarco nos diz que era mais dedicada que outras, e que realizava seus cultos – rituais orgiásticos – com maior empolgação do que seria esperado, ou mesmo aceitável, assimilando-se a uma bárbara:

Todas as mulheres daquela região²²⁰, desde tempos imemoriais, praticavam os ritos órficos e as orgias dionisiacas (daí serem chamadas Clodones e Mimálones²²¹) [...] Olímpia, então, punha nesses atos de posse um empenho maior do que qualquer outra mulher e exibia a inspiração divina com um aparato mais selvagem; participava nos cortejos rituais com serpentes enormes, amestradas, que muitas vezes se erguiam, por entre a hera, dos cestos sagrados e se enroscavam nos tirsos e nas coroas das mulheres, para terror dos homens²²².

Tal devoção e nível de entrega a Dionísio seriam os principais motivos pelos quais Plutarco caracteriza Olímpia como tendo comportamentos barbarescos²²³. O problema não estaria, então, em realizar rituais a Dionísio, mas, sim, na entrega excessiva por parte da rainha-mãe²²⁴.

Para Dominique dos Santos e Ana Contador, após este trecho, todas as caracterizações de Olímpia na biografia estão acompanhadas pela imagem de uma

²¹⁸ Vide *supra*, p. 31-2.

²¹⁹ DOS SANTOS, Dominique Vieira Coelho; CONTADOR, Ana Letícia. Olímpia de Épiro: uma leitura dos Comportamentos Barbarescos da Rainha Macedônica na obra *Vidas paralelas* de Plutarco. **História e Cultura**, v. 2, n. 3, p. 172-185, 2014, p. 179

²²⁰ Plutarco refere-se ao Épiro.

²²¹ Como os macedônios chamavam as bacantes, sacerdotisas de Dionísio, ou Baco.

²²² Plut., *Alex.*, 2.

²²³ DOS SANTOS, D. V.; CONTADOR, A. L., 2014, p. 176-177

²²⁴ *Ibid.*, p. 178.

mulher que excede o permitido, que desvia da ordem desejável e que apresenta comportamentos de bárbaros²²⁵.

É também por sua devoção que Plutarco coloca a rainha como elo entre Alexandre e sua própria natureza dionisíaca²²⁶. Whitmarsh vê diversos paralelos entre Alexandre e o deus, como, por exemplo, as viagens para o oriente, e mesmo a propensão de Alexandre para a bebedeira²²⁷.

De acordo com Whitmarsh, a narrativa plutarquiana da concepção de Alexandre faz referência ao nascimento de Dionísio: Sêmele deu à luz ao deus prematuramente, ao ser atingida por um trovão de Zeus. De forma similar, Olímpia sonha que seu ventre foi atingido por um trovão, na noite anterior às suas núpcias com Filipe II:

Pois bem, na noite anterior à consumação do casamento, a noiva sonhou que tinha havido uma trovoada e que um raio a atingiu no ventre; dessa descarga gerou-se um fogo enorme, que se propagou em chamas por todo o lado, antes de se extinguir²²⁸.

As tentativas de Plutarco de retratar Olímpia como consorte de algum deus continuam, e o biógrafo conta que Filipe teria visto uma serpente na cama sua esposa, enquanto a mesma dormia. De acordo com o queronense, foi tal visão que afastou Filipe de Olímpia. Plutarco diz que visão o fez temer estar sendo envenenado pela rainha, ou, ainda, que ela fosse a favorita de algum ser superior²²⁹. Segundo o biógrafo:

A verdade é que – ao que consta -, depois da visão que tinha tido, Filipe mandou Cáron de Megalópolis a Delfos para consultar o oráculo. Foi-lhe transmitida, da parte do deus, esta ordem: que sacrificasse a Ámon e lhe prestasse grandes homenagens. E que perderia, dos seus olhos e lhe aquele que tinha colado na frincha da porta para espiar o deus, quando, sob forma de serpente, partilhava o leito com a sua mulher²³⁰. Olímpia, ao que diz Eratóstenes, quando enviou Alexandre na famosa campanha, contou-lhe só a ele, o segredo do seu nascimento e recomendou-lhe que arquitetasse planos à sua altura. Segundo outros testemunhos, ela contestava semelhante

²²⁵ DOS SANTOS, D. V.; CONTADOR, A. L., 2014, p. 180.

²²⁶ WHITMARSH, T., 2002., p. 186.

²²⁷ Plut., *Alex.*, 16. Plutarco alega que Alexandre comete graves faltas quando sob efeito do vinho como punição de Dionísio pela destruição de Tebas, cidade da qual o deus era patrono.

²²⁸ *Ibid.*, 2.

²²⁹ *Ibid.*

²³⁰ Filipe, de fato, perdeu um dos olhos na batalha de Metone, onde foi atingido por uma flecha, em 354.

ideia e terá dito: 'Quando é que Alexandre vai parar de me insultar perante Hera?'²³¹

Para Dos Santos e Contador, apesar da possível dupla interpretação que o biógrafo deixa neste trecho, a respeito da paternidade divina de Alexandre, o que se sobressai são as críticas negativas à Olímpia, ao invés da contestação da personagem sobre as histórias de Alexandre ser fruto de uma união com um ser divino. Neste trecho, a possível paternidade divina é associada a Zeus e não a Dionísio. Apresentar-se a amantes em forma de animal era uma característica conhecida de Zeus, que também era marido de Hera, o que justificaria o lamento de Olímpia.

O biógrafo não nos dá um veredito sobre a paternidade do rei, e acreditamos que esse não era mesmo seu objetivo. As histórias que conta até aqui servem ao propósito de retratar Olímpia como uma mulher de costumes bárbaros e pouco confiável, temida até mesmo por Filipe²³². Assim, o questionamento que surge a respeito da paternidade de Alexandre parece ser apenas um efeito colateral da narrativa. Por outro lado, a associação a Dionísio – muito mais enfatizada, devido à devoção de Olímpia ao deus –, acaba por dar mais motivos para a inclinação de Alexandre aos costumes bárbaros.

Posteriormente, Plutarco parece identificar Olímpia como pivô para a discussão entre Alexandre e Filipe, no casamento deste último com Cleópatra²³³. Apesar de o motivo da altercação, ao fim das contas, ter sido Olímpia e sua ascendência epirota, Plutarco inicia a anedota dando a entender que tudo poderia ter sido evitado, não fosse a poligamia de Filipe. Seus vários casamentos acabavam levando ao meio político questões da esfera doméstica:

Contudo os dissabores domésticos – em resultado dos casamentos e das aventuras românticas de Filipe – contaminaram o reino do mesmo clima que grassava nos apartamentos das mulheres; daí resultarem motivos sem conta de ofensa e divergências profundas. Olímpia, com o seu feitio difícil e

²³¹ Plut., *Alex.*, 3.

²³² BLOMQUIST, K., 1997, p. 90.

²³³ *Ibid.*

ciumento, não fez senão agravá-las, agudizando ressentimentos junto de Alexandre²³⁴.

Aqui o biógrafo acusa Olímpia de, não somente guardar rancores de Filipe por conta de seus outros casamentos²³⁵, mas também de procurar manipular Alexandre para que ele, também, tivesse mágoas do pai. Plutarco diz que a problemática da ascendência de Olímpia, e conseqüentemente questionamento da legitimidade de Alexandre enquanto herdeiro, são levantadas por Átalo:

Foi Átalo quem levou ao rubro a polémica no casamento de Cleópatra, uma jovem que Filipe desposou, apaixonado por ela apesar da diferença de idades. Átalo era tio da moça; em plena boda, quando já estava bem bebido, estimulou os Macedônios a pedirem aos deuses que de Filipe e Cleópatra nascesse um filho legítimo, para lhe suceder no trono.

Aqui, Átalo insinua que o filho de Filipe e Cleópatra seria um macedônio verdadeiro, uma vez que a noiva pertencia à mais alta aristocracia macedônica²³⁶, ao contrário de Olímpia. Também notamos que, mesmo que anteriormente Plutarco diga que os múltiplos casamentos de Filipe interferiram na esfera política, no trecho seguinte, frisa que o rei se casa por estar apaixonado. De modo semelhante, a união de Alexandre e Roxana é descrita como uma decisão tomada passionalmente, mas que teve influências políticas²³⁷.

Este não é o único paralelo do casamento de Filipe e Cleópatra que se encontrará posteriormente, na campanha de Alexandre. Segundo Biazotto, a altercação que se segue à insinuação de Átalo é refletida na ocasião do assassinio de Clito²³⁸, tendo Alexandre tomado o lugar de Filipe na situação:

Furioso com a história, Alexandre gritou: 'Quer dizer que eu, para ti, seu cabeça tonta, não passo de um bastardo!' E atirou-lhe com uma taça. Filipe avançou para ele de espada em riste, mas, afortunadamente para ambos, com a fúria e com o vinho escorregou e caiu. Aí Alexandre disse, em ar de troça: 'É este o homem, meus senhores, que se preparava para atravessar da Europa para a Ásia, o mesmo que tropeça apenas para passar de um leito

²³⁴ Plut., *Alex.*, 9.

²³⁵ No total, sete. Vide *supra*, p. 52, nota 200.

²³⁶ SILVA, M. F.; BRANDÃO, J. L., 2019, 65, notas 45-6.

²³⁷ Vide *supra*, p. 44.

²³⁸ Vide *supra*, p. 46.

para outro'. Depois desta cena de bêbados, Alexandre pegou em Olímpia e levou-a para o Épiro, enquanto ele mesmo se instalava na Ilíria²³⁹.

Para Biazotto, se Plutarco realmente escrevia seus textos e palestras com a intenção de educar seus leitores com exemplos do passado, em seu desentendimento com Clito, Alexandre mostra não ser capaz de realizar o mesmo exercício. Por ter vivenciado situação semelhante com seu pai, como vimos acima, o rei teria tido o exemplo necessário para evitar cometer os mesmos excessos que Filipe. Assim, por agir com Clito da mesma forma que o pai agiu com ele, Alexandre teria cometido a mais grave das faltas: não aprender com acontecimentos pretéritos²⁴⁰.

Sobre o vexame do casamento, notamos ainda que Olímpia mal figura em toda a ocasião, uma vez que o motivo da indignação de Alexandre foi ser tratado como bastardo por Átalo. Mesmo assim, é à Olímpia, ciumenta e manipuladora, que recai a culpa pela reação de Alexandre. Dos Santos e Contador acreditam que após este trecho que todas as referências à Olímpia na obra vêm acompanhadas de uma carga negativa implícita.

No que se segue, o biógrafo revela que, em adição a seus comportamentos barbarescos, à manipulação do filho e o ciúme que tinha de Filipe, Olímpia também seria homicida²⁴¹. O biógrafo a acusa de ter envolvimento na morte de seu marido, além de ter tratado Cleópatra de maneira “selvagem” depois da morte de Filipe:

Quando Pausânias, que tinha sido insultado por intervenção de Átalo e Cleópatra, sem conseguir do rei que se fizesse justiça, matou Filipe, boa parte das culpas foi assacada a Olímpia, com o pretexto de que ela tinha incitado a fúria do jovem e o levava a cometer esse ato. Mas alguma responsabilidade recai também sobre Alexandre. [...] Seja como for, a verdade é que ele investigou os cúmplices da conspiração e os puniu. E ficou furioso com Olímpia pelo tratamento selvagem que deu a Cleópatra, na sua ausência²⁴².

Dos Santos e Contador acreditam que esta anedota assinala a culpa de Olímpia na morte de Filipe, mesmo que Plutarco diga que parte da culpa também foi atribuída a Alexandre. Mais uma vez, o que sobressai no trecho é o comportamento negativo

²³⁹ Plut., *Alex.*, 9.

²⁴⁰ BIAZOTTO, T. A., 2016, p. 172.

²⁴¹ DOS SANTOS, D. V.; CONTADOR, A. L., 2014, p. p. 181-2

²⁴² Plut., *Alex.*, 10. De acordo com Silva e Brandão (2019, p. 66, nota 58), após a morte de Filipe, Olímpia ordenou que Cleópatra e o filho que ela teve do rei fossem mortos. Átalo foi punido por Alexandre por manter correspondência suspeita com Atenas.

de Olímpia, que teria manipulado Pausânias para agir de acordo com o que ela esperava. Além disso, ao encerrar a história dizendo que a rainha ofereceu tratamento “selvagem” a Cleópatra e seu filho, Plutarco dá a entender que toda a trama da morte de Filipe foi planejada por Olímpia, e que seu objetivo final seria eliminar Cleópatra e seu herdeiro.

Aqui, de acordo com a leitura que tivemos de Olímpia até então, o biógrafo parece querer dizer que as atitudes de Olímpia são motivadas por seu ciúme. No entanto, de acordo com Carney, a rainha pode ter tido um lugar importante na política macedônica. Assim, a existência de um herdeiro de sangue puramente macedônio representava um risco político tanto para ela, como para Alexandre.

É interessante notar, também, que, por mais que diga que Alexandre ficou furioso com Olímpia, Plutarco não nega que o rei manteve uma relação amigável com sua mãe após o ocorrido²⁴³. O biógrafo não relata que Alexandre tenha punido a mãe pelas mortes, e, no fim, as atitudes de Olímpia beneficiaram também a ele, não sendo impossível que tenham agido em conjunto.

Dizer que Alexandre teria ficado enfurecido, no entanto, é um modo de separar o rei dos comportamentos reprováveis de sua mãe, bem como de assinalar seu próprio caráter: por ter uma boa moral, não concordava com atos barbarescos ou cruéis, como o assassinio da esposa de seu falecido pai e de seu meio-irmão.

Blomqvist explica que o biógrafo desenha o caráter de seus biografados também a partir de suas atitudes em relação a mulheres de índole duvidosa. Nesse sentido, Alexandre seria louvado por Plutarco. Como vimos, apesar de se preocupar com sua mãe e garantir que tivesse uma boa vida, o Alexandre da biografia não aprova seus comportamentos questionáveis, não toma parte em seus esquemas e não permite que Olímpia tome parte em assuntos políticos²⁴⁴. Além disso, o rei também ignorava os

²⁴³ Plutarco relata que Alexandre envia parte do butim da batalha do Granico à Olímpia (*Alex.*, 16). Mais tarde, nos conta que Olímpia enviava diversas cartas ao rei, e que Alexandre enviava a ela diversos presentes (*Alex.*, 39), ver *infra*, p. 65.

²⁴⁴ BLOMQVIST, K. 1992, p. 90-1: “she [Olímpia] did not succeed entirely in managing Alexander into acting on her will as Antony had acted upon Cleopatra’s will and Pericles upon Aspasia’s. This is by no means due to any lack of ambition on Olympias’ part, but rather caused by her son’s good judgement and determination. It is true that his affection towards his mother was deep and sincere, but his filial devotion was free from exaggeration. It is explicitly said that Alexander did not permit his mother to interfere with political matters (39. 12), although he affirmed that ‘one single tear from a mother wipes out [the writing of] ten thousand letters’ (39. 13).”

conselhos da mãe, se os julgasse inapropriados. É o caso, quando Plutarco revela que, através de correspondências, a rainha-mãe dizia ao rei que não enchesse os amigos de presentes:

Nesses amigos e elementos do corpo de guarda, que cumulou de riquezas, foi-se manifestando um tremendo orgulho, como sobressai de uma carta que Olímpia lhe escreveu: 'Arranja outra forma de beneficiar e distinguir os teus amigos', dizia ela. 'Dessa maneira estás a dar a todos eles estatuto de rei e a cercá-los de amizades, enquanto tu próprio ficas isolado'. Foram muitas as mensagens que Olímpia lhe enviou no mesmo sentido, que o soberano mantinha secretas, à exceção de uma: foi quando Heféstion, como era habitual, estava a ler com ele uma carta já aberta. O rei não o impediu de o fazer, mas tirou do próprio dedo o anel e apôs-lhe o seu selo nos lábios²⁴⁵.

Assim, acreditamos que Plutarco procurava traçar a raiz do declínio moral de Alexandre aos costumes barbarescos de Olímpia. Embora não deixe isso claro, como Blomqvist diz, é necessário analisar as entrelinhas da narrativa plutarquiana, principalmente no que concerne à atuação feminina. Alexandre, um macedônio, apenas conseguiu performar a helenidade graças à educação elevada que teve de Aristóteles, por esforço de seu pai. No entanto, o lado materno de sua árvore genealógica acaba por levar a vantagem em relação à sua educação.

Seja por maldição de Dionísio devido à destruição de Tebas²⁴⁶, ou, simplesmente, pela influência que Olímpia exercia sobre o filho, Plutarco narra a vida do rei macedônio dando a entender que, no fim, aproximar-se dos bárbaros, mesmo que com a intenção de realizar um encontro cultural²⁴⁷, trouxe ao rei apenas o desvio de suas raízes helênicas. Assim, Alexandre se desencontra de sua helenidade e passa, aos olhos do biógrafo, a figurar mais perto dos orientais.

²⁴⁵ Plut., *Alex.*, 39.

²⁴⁶ Ver *supra*, p., 60, nota 226.

²⁴⁷ Plutarco é um dos primeiros autores de Alexandre a levantar a possibilidade de que o rei buscava combinar as culturas helênica e oriental. Ver: BIAZOTTO, T. A., 2016.

Conclusão

Conforme nota Carney, Plutarco fornece, em seu tratado *Da bravura das mulheres*, uma imagem bastante diferente de Olímpia daquela que fornece na biografia de Alexandre. Não foi o foco deste estudo analisar a narrativa deste tratado filosófico em específico; ainda assim, acreditamos que a diferença na construção da personagem pode ser identificada pelas dedicatórias de ambas as obras: as *Vidas* são compostas para Sócio Senecião, um homem que dedicava seus talentos ao serviço público, enquanto o tratado filosófico é dedicado à sua amiga Clea, que tinha um alto cargo entre as sacerdotisas de Delfos²⁴⁸.

Para nós, a razão da construção negativa de Olímpia na *Vida de Alexandre* é o público a que o biógrafo se dirige. Plutarco, como vimos, sabia bem quem procurava atingir com suas obras, e se aproveitava dos conhecimentos comuns de seu público para facilitar a construção de suas personagens e a compreensão da mensagem que buscava enviar.

Assim, a Olímpia da biografia é uma personagem feminina composta sob uma perspectiva masculina, que já não era a mais favorável a mulheres, e destinada a outros olhares masculinos de opiniões semelhantes. Sua presença na biografia, então, não serve para explorar seus próprios objetivos e ambições, mas para refletir o caráter de Alexandre, que é definido, também, através de suas reações às atitudes de Olímpia. A personagem também traz mais justificativas para o declínio moral de Alexandre, que estaria relacionado, também, à ascendência “quase-bárbara” do rei, por parte de Olímpia.

Assim, Plutarco descreve o último reinado da dinastia Argéada como sendo marcado por comportamentos barbarescos, tanto por parte de Olímpia como de Alexandre. O biógrafo parece acreditar que, mesmo tendo recebido uma elevada educação, Alexandre não poderia evitar de ceder aos impulsos bárbaros, uma vez que sequer considerava os macedônios como helenos. Alexandre, então, teria realizado uma performance do que se entendia como grego, por certo tempo. Ao adentrar a

²⁴⁸ Plutarch; BABBIT, Frank Cole. *Moralia*, vol. III. Harvard University Press, 1968, p. 473.

Ásia, passa a agir de forma avessa à essa identidade, sendo reprovado pelo biógrafo em diversos pontos de sua narrativa.

A biografia de Alexandre reflete, então, os preceitos de seu autor a respeito do que significava ser heleno, ser bárbaro e ser macedônio. As intenções do Alexandre histórico não são acessíveis para nós. No entanto, o personagem da biografia passa por uma transformação de caráter da qual não podia escapar, e nem controlar. Desde o início, o Alexandre de Plutarco está destinado a grandes feitos, e a ter um final longe dos valores sob os quais foi educado e mais próximo, física e moralmente, dos orientais, vindo a falecer, em 323, na Babilônia.

Assim, concluímos que a biografia de Alexandre reflete os preceitos de Plutarco, e, por extensão, de seu círculo social, a respeito de temas como identidade, moral, educação e o lugar social e político do feminino. O biógrafo estava inserido tanto na elite de sua cidade-natal, como na da capital do Império. Suas opiniões a respeito dos temas citados, embora não possam ser afirmadas como unânimes, são destinadas a este público: homens de elite. Além disso, refletiam o que este público entendia como sendo parte do caminho para uma elevada moral. Sabendo que o biógrafo se tornou um dos autores mais lidos da antiguidade, é difícil, para nós, acreditar que seu público não concordava com seus pontos de vista.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

- AUSTIN, Michel M. **The Hellenistic world from Alexander to the Roman conquest: A selection of ancient sources in translation**. Cambridge University Press, 2006.
- BABBITT, Frank Cole; PLUTARCH. **Plutarch's moralia, vol. III**. Harvard University Press, 1960.
- DUFF, Timothy E.; SCOTT-KILVERT, Ian; PLUTARCH. **Plutarch: the age of Alexander**. London: Penguin, 2012.
- PLUTARCH. **Lives, Volume VII: Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar**. Harvard University Press, 1919.
- PLUTARCO; SILVA, Maria de Fátima; BRANDÃO, José Luís. **Vidas Paralelas: Alexandre e César**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.
- POPA, Tiberiu; ARRIAN. **The Campaigns of Alexander, by Arrian (translated by A. de Sélincourt and revised by JR Hamilton)**. London: Penguin, 2011.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Graham. **The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire**. Routledge, 2005.
- ASTIN, A. E. (Ed.). **The Cambridge Ancient History: pt. 1. The Hellenistic world**. Cambridge University Press, 1984.
- ATKINSON, J. E. Primary Sources and the Alexanderreich. **Acta Classica**, v. 6, p. 125-137, 1963.
- BADIAN, Ernst. Alexander the Great and the Unity of Mankind. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, n. H. 4, p. 425-444, 1958
- BECK, Mark (Ed.). **A companion to Plutarch**. John Wiley & Sons, 2013.
- BIAZOTTO, Thiago do Amaral. **Sob o signo do Grande Rei: a barbarização de Alexandre Magno em Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Plutarco e Arriano**. Dissertação de mestrado. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp – Campinas. 2016.
- BREMMER, Jan. (ed.). **Interpretations of Greek mythology**. London / Sydney: Croom Helm, 2014

- CARDÓ, Pilar Gómez; LEÃO, Delfim F.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Ed.). **Plutarco entre mundos: visões de Esparta, Atenas e Roma**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- CARNEY, Elizabeth D. Olympias. **Ancient Society**, v. 18, p. 35-62, 1987
- _____. Olympias and the Image of the Virago. **Phoenix**, v. 47, n. 1, p. 29-55, 1993
- _____. **Olympias: mother of Alexander the Great**. Routledge, 2006
- CONTADOR, Ana Letícia. **“Irrepreensível Alexandre”**: um estudo da týchê de Alexandre em Plutarco (Séculos I-II). 2018
- DOS SANTOS, Dominique Vieira Coelho; CONTADOR, Ana Letícia. Olímpia de Épiro: uma leitura dos Comportamentos Barbarescos da Rainha Macedônica na obra Vidas paralelas de Plutarco. **História e Cultura**, v. 2, n. 3, p. 172-185, 2014.
- ERSKINE, Andrew (Ed.). **A companion to the Hellenistic world**. John Wiley & Sons, 2009.
- FERREIRA, José Ribeiro (org.). **Actas do Congresso Plutarco Educador da Europa**, Universidade de Coimbra, 2002.
- FERREIRA DA SILVA, Lucas. QUE MAUS COSTUMES REINAM NA MACEDÔNIA: ALEXANDRE COMO MODELO E ANTIMODELO NA BIOGRAFIA PLUTARQUIANA. **Humanidades em Revista**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 15, 2021.
- GILL, Christopher. The question of character-development: Plutarch and Tacitus. **The Classical Quarterly**, v. 33, n. 2, p. 469-487, 1983
- GILLEY, Dawn L. **Damn with Faint Praise. A Historical Commentary on Plutarch's On The Fortune or Virtue of Alexander The Great**-Ph.D. Diss. University of Missouri (2009).
- GRANT, Michael. **Greek and Roman historians information and misinformation**. Routledge, 2004.
- HAMMOND, Nicholas Geoffrey Lemprière; GRIFFITH, Guy Thompson; WALBANK, Frank William. **A History of Macedonia 336-167 BC**. Oxford University Press, 1972.
- HAMMOND, Nicholas Geoffrey Lamprière. **O Gênio de Alexandre o Grande**. São Paulo: Madras Editora, 2005.
- HARRISON, George WM. Rhetoric, writing and Plutarch. **Ancient Society**, v. 18, p. 271-279, 1987
- HARRISON, Thomas (Ed.). **Greeks and barbarians**. Taylor & Francis, 2002.

- FONSECA, Maria de Jesus. A Paideia grega revisitada. **Millenium**, 1998.
- GOEKEN, Johann. La rhétorique aux banquets de Plutarque. In: G. PACE-P. VOLPE CACCIATORE (éd.), **Plutarch's Writings: Translation, Transmission, Reception, Commentary. Proceedings of the IX International Conference of the International Plutarch Society, Ravello, Auditorium Oscar Niemeyer**. 2011, pp. 173-186.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Martins Fontes, 2013.
- JONES, Christopher Prestige. Plutarch and Rome. **Oxford, University Press**, 1972
- LIEBERT, Hugh. **Plutarch's Politics Between City and Empire**. Cambridge University Press, 2016
- LIMA, Danielle Chagas. **Gênero biográfico e historiográfico na Roma antiga: os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito**. 207 f. 2012. Dissertação de mestrado. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp–Campinas.
- MAGALHÃES, Luiz Otávio de. Plutarco: historiografia e biografia na cultura greco-romana. **História da Historiografia**, n. 3, p. 181-187, 2009.
- MARROU, Henri Irénée. **A history of education in antiquity**. Univ of Wisconsin Press, 1982.
- MARQUES, Juliana Bastos. Rômulo, Camilo e Augusto: a Roma renovada de Tito Lívio. In: LESSA, Fábio.; BUSTAMANTE, Regina. (orgs.) **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012, pp. 427-434.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **The development of Greek biography**. Harvard University Press, 1993.
- MOSSMAN, Judith M. Tragedy and epic in Plutarch's Alexander. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 108, p. 83-93, 1988.
- _____. (Ed.). **Plutarch and his Intellectual World**. The Classical Press of Wales, 1997.
- OLIVEIRA SILVA, Maria Aparecida de. Biografia como fonte histórica. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 1, n. 37.
- _____. Plutarco e a participação feminina em Esparta. **Sæculum – Revista de História**, n. 12, 2005.

- _____. **Plutarco Historiador: Análise das biografias espartanas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006
- _____. PLUTARCO E A TRADIÇÃO CULTURAL GREGA NO IMPÉRIO. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 2, n. 4, 2008
- PEARSON, Lionel. The diary and the letters of Alexander the Great. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, n. H. 4, p. 429-455, 1955
- PELLING, Christopher BR. Plutarch's method of work in the Roman Lives. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 99, p. 74-96, 1979.
- _____. Plutarch's adaptation of his source-material. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 100, p. 127-140, 1980.
- _____. **Literary texts and the Greek historian**. Routledge, 2002.
- PINHEIRO, Joaquim. O efeito retórico das histórias anedóticas na biopsicografia de Plutarco. **JoLIE, journal of linguistic and intercultural education**, v. 2, p. 213-220, 2009
- _____. **Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco**. Universidade de Coimbra, 2013
- POWELL, John Enoch. The sources of Plutarch's *Alexander*. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 59, n. 2, p. 229-240, 1939.
- REAMES-ZIMMERMAN, Jeanne. An atypical affair: Alexander the Great, Hephaestion Amyntoros and the nature of their relationship. **The Ancient History Bulletin**, v. 13, n. 3, pp. 81-90, 1999.
- ROISMAN, Joseph; WORTHINGTON, Ian (Ed.). **A companion to ancient Macedonia**. Oxford/Wiley-Blackwell, 2010.
- RUSSELL, Donald A. On Reading Plutarch's Lives. **Greece & Rome**, v. 13, n. 2, p. 139-154, 1966.
- SANSONE, David. Plutarch, Alexander, and the discovery of naphtha. **Greek, Roman, and Byzantine Studies**, v. 21, n. 1, p. 63-74, 1980.
- SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; CONTADOR, Ana Letícia. Olímpia de Épiro: uma leitura dos Comportamentos Barbarescos da Rainha Macedônica na obra Vidas paralelas de Plutarco. **História e Cultura**, v. 2, n. 3, p. 172-185, 2014.
- SEBASTIANI, Breno Battistin; RODRIGUES, Fernando; COSTA E SILVA, Bárbara. **Problemas de Historiografia Helenística**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

- SCOTT, Kenneth. Plutarch and the Ruler Cult. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, vol. 60, 1990, pp. 117-135
- SOARES, Carmen; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu. **Ética e paideia em Plutarco**. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2008
- SORDI, Marta. La lettera di Aristotele ad Alessandro ei rapporti tra greci e barbari. **Aevum**, 1984
- STADTER, Philip A.; VAN DER STOCKT, Luc (Ed.). **Sage and emperor: Plutarch, Greek intellectuals, and Roman power in the time of Trajan (98-117 AD)**. Leuven University Press, 2002.
- _____. **Plutarch's historical methods: an analysis of the Mulierum virtutes**. Harvard University Press, 1965.
- _____. The Proems of Plutarch's Lives. **Illinois Classical Studies**, v. 13, n. 2, p. 275-295, 1988
- _____. **Plutarch and the Historical Tradition**. Routledge, 2002
- STARR, Raymond J. The circulation of literary texts in the Roman world. **The classical quarterly**, v. 37, n. 1, p. 213-223, 1987.
- SWAIN, Simon. C. R. Hellenic Culture and the Roman Heroes of Plutarch. **The Journal of Hellenic Studies**, vol. 110, 1990 pp. 126-145
- _____: Chance, providence, and history. **The American Journal of Philology**, v. 110, n. 2, p. 272-302, 1989
- WALCOT, Peter. Plutarch on women. **Symbolae Osloenses**, v. 74, n. 1, p. 163-183, 1999
- WARDMAN, Alan. E. Plutarch and Alexander. **The Classical Quarterly**, v. 5, n. 1-2, p. 96-107, 1955
- WHITMARSH, Tim. Alexander's Hellenism and Plutarch's textualism. **The Classical Quarterly**, v. 52, n. 1, p. 174-192, 2002.
- ZIEGLER, Vanessa. **Plutarco e a formação do governante ideal no principado Romano: uma análise da biografia de Alexandre**. Assis, 2009, 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista